

Ovídio

Cartas das heroínas XVI-XVII

Páris a Helena & Helena a Páris

Ed. bilíngue

Organizador

Matheus Trevizam

Tradutora

Sofia Morais Coelho



FALE/UFMG

Belo Horizonte

2023

Diretora da Faculdade de Letras

Sueli Maria Coelho

Vice-Diretor

Georg Otte

Coordenação editorial e administrativa

Emília Mendes

Comissão editorial

Elisa Amorim Vieira

Emília Mendes

Fábio Bonfim Duarte

Luis Alberto Brandão

Maria Cândida Seabra

Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Glória Campos

(Mangá Ilustração e Design Gráfico)

Preparação de originais

Lorrany Cristina da Silva

Diagramação

Isabella de Oliveira Andrade Guedes

Beatriz Cristeli do Vale

Renan Souza Lacerda

Revisão de provas

Renan Souza Lacerda

Rômulo Herdy

Vitória Roscoe

Beatriz Cristeli do Vale

Tradução

Sofia Morais Coelho

Notas e Índice de nomes latinos

Sofia Morais Coelho

ISBN

978-65-87237-74-9 (digital)

978-65-87237-73-2 (impresso)

Endereço para correspondência

LABED – Laboratório de Edição –

FALE/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6.627 – sala 4083

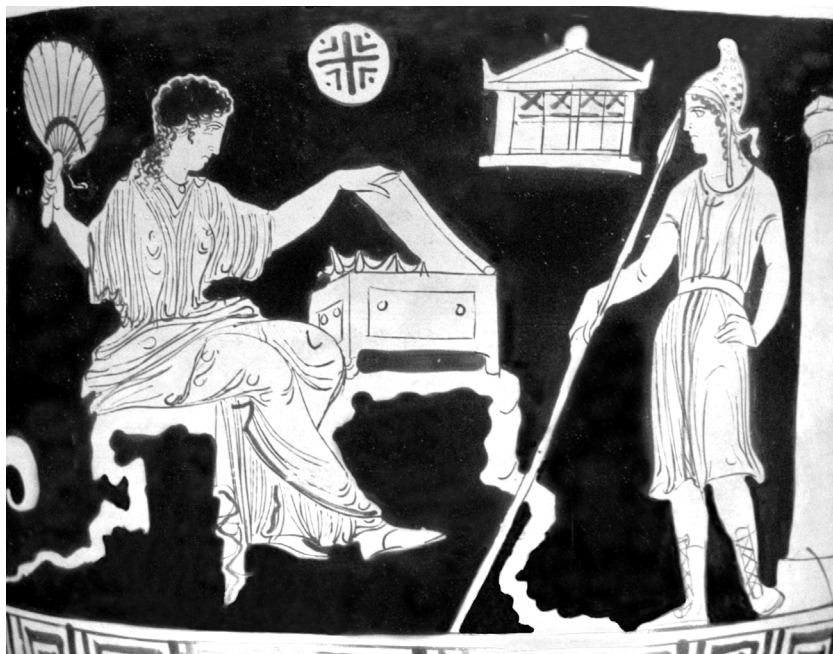
31270-901 – Belo Horizonte/MG

e-mail: originais.labeled@gmail.com

site: <https://labeled-letras-ufmg.com.br/>

Sumário

5	Prefácio	Matheus Trevizam
9	Introdução	Sofia Morais Coelho
24	XVI Paris Helenae	Ovídio
25	XVI Páris a Helena	Ovídio
44	XVII Helene Paridi	Ovídio
45	XVII Helena a Páris	Ovídio
67	Notas de fim	Sofia Morais Coelho
79	Referências	
83	Índice de nomes latinos	Sofia Morais Coelho
87	Sobre os autores	



Helena e Páris

Imagem: Pintor de Estocolmo. *Helen and Paris. Side A from an Apulian* (séc. IV a.C.). 2241x1103 pixels. Museu do Louvre, 380–370 BC. Pintura sobre vaso da Apúlia. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Helene_Paris_Louvre_K6.jpg.

Prefácio

O mito constituiu, para os poetas da Grécia e de Roma na Antiguidade, inesgotável manancial com vistas à derivação de temas e personagens. Notamos que os mitos do imaginário helênico, assim, preenchem em graus diferentes alguns dos mais prestigiados gêneros das Letras antigas – epopeia, tragédia, elegia, oratória:

GÓRGIAS (c. 480-380 a.C.) Górgias nasceu em Leontinos, na Sicília, e foi o quarto grande sofista (depois de Protágoras de Abdera, Pródico de Ceos e Hípias de Élis). [...] Chegaram até nós dois discursos paradigmáticos: *O Elogio de Helena* e *A Defesa de Palamedes*¹.

Em *Epistulae Heroidum*¹¹, o poeta romano Ovídio Nasão (séc. I a.C. até I d.C.) coloca o mito sob foco privilegiado de sua criação, na medida em que essa coletânea de cartas fictícias agrega a correspondência de mulheres – geralmente, lendárias – a seus maridos ou amantes, que as abandonaram. Desfilam diante de nossos olhos, nesse sentido, as cartas de Penélope a Ulisses, Dido a Eneias, Hipsípíle e Medeia a Jasão, Safo de Lesbos a Fáon etc.

À diferença da elegia erótica romana típica, na qual o eu poético de Sexto Propércio e Álbio Tibulo, por exemplo, é um homem expressando

¹ UREÑA-PRieto. *Dicionário de literatura grega*, p. 180. Grifos nossos.

¹¹ P. OVIDIUS NASO. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris*, 1907. Available at: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0068%3Atext%3DArs>. Access on: 22 Jun. 2022.

suas dores de amor diante de uma mulher fatal, as cartas dessas *Epistulae* apresentam a especificidade de dar voz à contraparte feminina dos relacionamentos galantes. Isso ocorre inclusive nas cartas ditas “duplas” – de 16 até 21 –, nas quais, tendo certos varões (Páris, Leandro e Acôncio) escrito às mulheres que são ou haveriam de ser suas parceiras amorosas (Helena, Hero, Cidipe), essas lhes respondem por correspondência.

É essa instigante parte da rica produção de Ovídio que abordou a pesquisa de Sofia Morais Coelho, graduanda em Língua e Literatura Latina pela Faculdade de Letras da UFMG. Inicialmente desenvolvido como iniciação científica pela PRPq da Universidade Federal de Minas Gerais, o projeto intitulado “Tradução anotada e estudo introdutório das *Cartas das Heroínas XVI-XVII*, de Ovídio” contou com o apoio de uma bolsa PIBIC-CNPq. Sua vigência se deu de setembro de 2021 a agosto de 2022.

Entre as cartas “duplas”, o projeto citado realizou recorte analítico e tradutório das cartas XVI-XVII (Páris a Helena – Helena a Páris), correspondendo o conteúdo deste livro à tradução linear/verso a verso e integral de tais textos pela aluna. Também foram adicionadas notas explicativas às cartas XVI e XVII, bem como um índice dos nomes latinos citados por Ovídio nesse contexto. Espera-se, assim, facilitar o contato do leitor hodierno com a arte antiga e reconhecidamente erudita do poeta de Sulmona.

Por fim, o par específico de cartas focalizadas apresenta a vantagem de tocar em um mito célebre da Antiguidade, ou seja, em uma história de envolvimento amoroso que teve sérias consequências para a “mitistória” de gregos e troianos. Isso significa que Ovídio, escrevendo tais *Epistulae* séculos depois da feitura dos poemas homéricos, desvela ao público de ontem e de hoje como que os bastidores e origens da própria Guerra de Troia, conforme narrada na *Ilíada*^{III} e até em parte da *Eneida*^{IV}, de Virgílio (canto II).

Mas não se trata, ao ser tematizado o “mesmo” mito amoroso, de enfadonha repetição, pois Helena e Páris, vistos pelas lentes elegíaco-epistolares das *Epistulae Heroidum*, ganham dessa vez contornos mais

^{III} HOMERO. *Ilíada*, 2021.

^{IV} VERGIL. *Bucolics; Aeneid; Georgics*, 1900.

“domésticos” e intimistas, aproximando-se ainda do modo de sentir dos conterrâneos de Ovídio, na Roma coeva ao poeta^v.

É ao conhecimento inicial deste legado que o presente caderno instiga o leitor, sobretudo esperando convidá-lo a aproximar-se da literatura antiga em suas fontes primárias.

Belo Horizonte, FALE-UFMG

Matheus Trevizam,

prof. de Língua e Literatura Latina

Referências

HOMERO. *Ilíada*. 15. ed. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

P. OVIDIUS NASO [Ovídio]. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris*. R. Ehwald edidit ex Rudolphi Merkelii recognitione. Leipzig. B. G. Teubner. 1907. Available at: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0068%3Atext%3DArs>. Access on: 22 Jun. 2022.

UREÑA-PRIETO, Maria H. *Dicionário de literatura grega*. Lisboa: Verbo, 2001.

VERGIL. *Bucolics; Aeneid; Georgics*. J. B. Greenough (ed.). Boston: Ginn & Co., 1900.

VEYNE, Paul. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia, o Ocidente*. Tradução de Milton Meira do Nascimento e Maria das Graças de Souza Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1983.

^v VEYNE. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia, o Ocidente*, p. 195.

Introdução

Públio Ovídio Nasão (I a.C. - I d.C.) foi um autor romano, nascido em Sulmona, que viveu durante o período augustano. Foi exilado de Roma por Augusto no princípio do século I da nossa era, e foi no exílio que faleceu por volta de 18 d.C. Era de família rica, com acesso à educação de qualidade, e de acordo com Sêneca, o Velho, Ovídio teria sido estudante de Aurélio Fusco e admirador de Marco Pórcio Latrão, ambos rétores romanos^I. Seus estudos também foram complementados em Atenas, e fez parte do círculo literário de Messala Corvino. Ovídio é hoje colocado como um dos principais poetas elegíacos, junto de nomes como Tibulo e Propércio.

Ovídio foi autor de algumas obras como *Medea* (uma tragédia, hoje perdida); *Tristia* (escrita no exílio, lamentando sua situação); *Fasti* (um calendário em dísticos elegíacos, interrompido pelo exílio) e *Metamorphoseon Libri* (narrativas de metamorfoses de personagens mitológicas, escritas em hexâmetros). Muitas de suas obras mais conhecidas incorporam o gênero da elegia erótica romana, como *Amores*, *Ars Amatoria*, *Medicamina Faciei Femineae* e *Heroides* ou *Epistulae Heroidum*^{II}. Entretanto, tais produções ovidianas geralmente não seguem

^I SÊNECA. *Controversiae* II, 2, 8. Available at: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0563%3Abook%3D2%3Achapter%3D2%3Asection%3D8>. Access on: 20 Jun. 2022.

^{II} OVIDIUS NASO. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris*, 1907. Available at: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0068%3Atext%3DArs>. Access on: 20 Jun. 2022.

de forma tradicional a temática elegíaca, alterando o formato e/ou mesclando outros gêneros. Esse é o caso das *Heroides*, o foco de nosso estudo.

Epistulae Heroidum, como o nome já indica, é um compilado de 21 epístolas em dísticos elegíacos. Estima-se que as de número I a XV teriam sido publicadas por volta de 15 a.C., enquanto as outras teriam sido apenas de 4 a 8 d.C. Composta no formato de cartas, a obra já se classifica no subgênero da elegia epistolar – nesse sentido, o exemplo mais próximo é, de acordo com Rosati, a elegia IV, 3 de Propércio^{III}. Nas cartas das *Heroides*, encontramos lamentos pelas vozes de personagens mitológicas – ou literária, no caso de Safo – endereçadas aos seus amores que as abandonaram ou rejeitaram, ou por terem sido separadas deles. Assim, Ovídio dá voz a personagens que recontam seu lado da história, como Briseida, Ariadne e Dido, que além de serem figuras mitológicas são obviamente mulheres.

Roma, na época de Ovídio, era uma sociedade patriarcal, que valorizava a força bélica, e a paixão amorosa era vista como fraqueza, ao passo que as mulheres eram submissas à figura masculina mais próxima – pai, irmão, marido etc. Pomeroy aponta que o casamento e a maternidade eram as tradicionais expectativas sobre as mulheres em Roma^{IV}.

A elegia erótica romana era subversiva a esses valores. Os poetas, em sua maioria homens, usavam os próprios nomes e falavam em primeira pessoa, expondo os altos e baixos de suas paixões irregulares. O Ego era um apaixonado ironicamente submisso a alguém que se encontrava abaixo dele na escala social: mulheres e, por vezes, homens escravos e mais jovens. Geralmente, pouco é apresentado sobre o *status* social da *puella* – o motivo que a mantém inconsistente pode ser tanto por ser casada quanto por ser uma prostituta, limitada pela cafetina.

Por mais que, ao retratar as mulheres, Ovídio mais uma vez as torne submissas às figuras masculinas, ainda assim são representações escrupulosas. Rosati aponta como traço característico das *Heroides* o fato de que não há uma verdade objetiva: o leitor pode se questionar se está

^{III} OVIDIO. *Lettere di Eroine*, p. 6.

^{IV} POMEROY. *Goddesses, Whores, Wives and Slaves: Women in Classical Antiquity*, 1995.

diante de uma variação do mito ou de uma adaptação do poeta, uma vez que as personagens exprimem suas verdades individuais^v. É também relevante em relação ao número reduzido de representações femininas que falam por si na literatura latina.

Mulheres poetas eram certamente menos numerosas, se levarmos em consideração o contexto e os registros preservados, mas não inexistentes. Pomeroy aponta que a educação das jovens podia ser incentivada, embora diferentemente da masculina, e que conquistas intelectuais e artísticas eram motivos de destaque^{vi}. Na elegia, podemos citar a poeta Sulpícia como exemplo de voz feminina. Pomeroy atribui a ela seis elegias preservadas junto ao *corpus* de Tibulo, e indica outras cinco que teriam sido escritas por um poeta anônimo do círculo de Messala, nas quais ele fala sobre Sulpícia como inspiração para os poetas – embora sem mencionar sua poesia –, e por vezes até escrevendo como se fosse ela^{vii}.

Embora o formato da elegia epistolar e as vozes femininas não sejam sem precedentes, Rosati conclui que a inovação das *Epistulae Heroidum* se dá pelo todo: a coleção de cartas de heroínas que constitui uma única obra, além da variedade de acontecimentos míticos incluídos em cada uma^{viii}.

A mitologia é uma característica importante na elegia como um todo. De acordo com Veyne:

[...] os heróis e as heroínas da mitologia estão no mesmo plano dos vulgares seres humanos, contemporâneos do narratário [...]. Ego alega precedentes emprestados da mitologia ou reflete sobre os casos míticos como refletiria a respeito do que acaba de acontecer a um de seus amigos ou conhecidos^{ix}.

Enquanto isso, nas *Heroides*, além de as próprias heroínas já serem as narradoras em vez do Ego de Ovídio, as menções a outros mitos ainda estão presentes. O curioso é que Ovídio estabelece ligações intratextuais entre as autoras: somos levados a acreditar que elas também são leitoras das *Heroides*

^v OVIDIO. *Lettere di Eroine*, 1989.

^{vi} POMEROY. *Goddesses, Whores, Wives and Slaves: Women in Classical Antiquity*, 1995.

^{vii} POMEROY. *Goddesses, Whores, Wives and Slaves: Women in Classical Antiquity*, 1995.

^{viii} OVIDIO. *Lettere di Eroine*, 1989.

^{ix} VEYNE. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia, o Ocidente*, p. 209.

ao citarem exemplos umas das outras. Se algumas heroínas poderiam ou não ser contemporâneas ou conhecidas entre si, o fato é que elas parecem conhecer as dores alheias pelos seus relatos epistolares: “umas se apropriam de frases, do léxico e inclusive dos modos de atuar das outras, como se delas pudessem extrair *exempla* de um determinado comportamento”^x.

Quando não das epístolas, podemos encontrar menções a personagens que se encontram nos *Metamorphoseon Libri*, além de ligações com *Ars Amatoria* e *Amores*. Essa autotextualidade, além da intratextualidade, são características marcantes de Ovídio. A intertextualidade também se faz presente, uma vez que podemos identificar ligações com poemas elegíacos de outros autores.

Outro elemento importante a ser considerado nas *Heroides* é a retórica, estudada pelo poeta em um período em que tinha grande influência em Roma. Ovídio não era um simples estudante: Sêneca, o Velho, atesta que ele era um *bonus declamator*^{xi}, e que incorporava seus aprendizados em suas obras poéticas. Por isso, a retórica não pode ser ignorada: é necessário entender como era ensinada, a fim de identificar como, exatamente, influenciou na composição das *Heroides*.

No currículo escolar romano, os alunos eram instruídos pelos exercícios chamados *progymnasmata*, advindos da tradição retórica grega. De acordo com Björk, esses exercícios tinham sete passos: *lectio*, em que o professor lia um texto de um renomado autor; *praelectio*, em que o professor interpretava o texto; *memoria*, em que o aluno deveria memorizá-lo; *paraphrasis* e *conuersio*, em que o aluno deveria recontar e transpor para diferentes estilos e gêneros, traduzir do grego para o latim etc. Por fim, a *recitatio* e a *correctio*, em que o aluno iria ler o texto para o professor e colegas e, depois, corrigir^{xii}. Além dos *progymnasmata* de origem grega, havia também as *declamationes* romanas, *suasoria* e *controversia*.

Apenas com essas etapas já é possível estabelecer relação com as *Heroides*: Ovídio reconta (*paraphrasis*) e reconstrói (*conuersio*) diversos

^x UGARTEMENDÍA. *A exemplaridade do abandono*: epístola elegíaca e intratextualidade nas *Heroides* de Ovídio, p. 10. Grifos do autor.

^{xi} SÊNeca. *Controversiae* II, 2, 9.

^{xii} BJÖRK. *Ovid's Heroides and the Ethopoeia*, 2016.

mitos – da língua grega para a latina, da tragédia ou épica para a elegia etc. Além disso, dois exercícios também se destacam: a *ethopoeia* e a *suasoria*.

Nas *ethopoeiae*, o aluno deveria criar o discurso de uma figura histórica ou mitológica em uma situação específica. Para isso, idade, gênero, classe social e origem eram elementos da figura escolhida que deveriam ser levados em consideração, no intuito de reproduzir seu discurso adequadamente. Já nas *suasoriae* – advinda da *thesis*, outro dos *progymnasmata* gregos –, o aluno deveria aconselhar uma figura histórica numa especulada situação, persuadindo-a ou dissuadindo-a de tomar determinada decisão. Ou seja, era um exercício deliberativo.

Assim, nas *ethopoeiae*, o foco se dava em *quem* fala, enquanto nas *suasoriae* o texto era direcionado àquela personagem escolhida – a voz da primeira pessoa do texto era a do autor, e não a da personagem. É inegável a importância desses exercícios para as *Heroides*, embora alguns autores considerem apenas um ou outro – como Björk, que afirma que os elementos das *suasoriae* são poucos e espaçados, portanto as *Heroides* estariam muito mais próximas das *ethopoeiae*^{xiii}. No que se refere às cartas estudadas, acreditamos ser uma mistura de ambos.

Ao reconstruir as heroínas, Ovídio as situa na elegia e na sua própria época, ao mesmo tempo em que não as desvincula completamente de suas origens. Desse modo, além da elegia erótica romana, do formato epistolar e da retórica e seus exercícios, também temos misturas dos gêneros dos quais algumas heroínas precedem – como a tragédia ou a épica. Nesse sentido, cada carta é singular, uma vez que as misturas variam a depender do mito.

Mesmo com tais diferenciações, a principal divisão da obra é a das cartas únicas e das duplas. Além da divergência de datações, até a XV, cada uma é um monólogo de determinada heroína ao seu amado, a partir da XVI temos três que incluem outra carta em resposta. São as correspondências de Páris e Helena (XVI e XVII), Leandro e Hero (XVIII e XIX) e Acôncio e Cidipe (XX e XXI). Nosso estudo é das XVI e XVII, a primeira dupla.

No que diz respeito ao gênero epistolar, seu caráter elástico é o que dá forma à obra, embora seja de difícil classificação. Algumas características identificáveis das cartas no geral e presentes nas XVI e XVII

^{xiii} BJÖRK. *Ovid's Heroides and the Ethopoeia*, 2016.

são: saudação e despedida; endereçamento do remetente ao destinatário; alusões ao ato da escrita; alusões a respeito da distância entre um e outro. Sobre a última, podemos entender que a comunicação por cartas é feita por “duas partes fisicamente distantes ou separadas uma da outra e incapazes de se comunicar por voz ou gesto”^{xiv}.

Começaremos pela carta XVI: a primeira diferença com as quinze anteriores, além de vir em dupla, é que é Páris quem inicia a troca ao escrever para Helena. As outras heroínas, ao falarem de seus correspondentes, os colocam como *domini*, e elas, submissas a eles; na carta XVI, voltamos ao mais comum da elegia, em que a *puella* é a *domina*. Se considerarmos a obra toda, Páris desempenha ambos papéis de poder e submissão, uma vez que a carta V é endereçada a ele por Enone, a ninfa que o troiano abandona para seguir Helena.

O contexto locativo e temporal no qual Páris se encontra ao escrever é em Esparta, quando conhece Helena. Seu intuito é convencê-la a trair o atual marido, Menelau, e fugir para Troia com ele. Embora a distância entre eles não seja física, é evidente que Páris escreve o que seria arriscado dizer presencialmente: “[...] a carta pode ser usada para expressar algo que não se faria pessoalmente, por medo, vergonha ou pudor e, nesse sentido, ela se beneficiaria da distância”^{xv}.

Sobre a retórica e retomando as *suasoriae*, podemos entender que esse exercício tem um papel fundamental na construção da carta de Páris: embora se lamente com *tópoi* elegíacos, o troiano argumenta a favor de persuadir Helena. Como vimos, exortar uma personagem a uma decisão de um de dois lados é, justamente, o propósito do exercício.

Já nas *ethopoeiae*, a questão dos tempos é determinante. Os *tria tempora*, tradicionalmente incluídos, determinavam que o discurso deveria falar na ordem presente, passado e futuro. A carta de Páris condiz com esse ponto: Páris fala do presente em que se encontra hospedado em Esparta, de acontecimentos passados que o trouxeram ali e de um possível futuro com Helena. Em relação ao *ethos* de Páris, ele é – quase – um

^{xiv} TRAPP. Introduction, p. 1 *apud* LADEIRA. *A correspondência de Cícero durante a guerra civil: a crise política romana sob a ótica pública e privada*, p. 56.

^{xv} LADEIRA. *A correspondência de Cícero durante a guerra civil: a crise política romana sob a ótica pública e privada*, p. 71.

típico apaixonado da elegia. Entretanto, a mistura de gêneros se encontra presente nesse aspecto, uma vez que Páris não é estritamente elegíaco. Ovídio inclui características épicas condizentes com o gênero literário original de Páris na *Ilíada*^{xvi}. A maneira pela qual isso é feito é pelos próprios *tópoi* elegíacos que, quando subvertidos, apresentam valores épicos.

No que diz respeito à elegia, Páris sofre pela servidão amorosa (*seruitium amoris*), além de retratar o amor que sente como uma ferida física. A situação do banquete é comum no gênero, e também encontrada na carta quando Páris lamenta ter sido obrigado a presenciar Helena nos braços de outro homem – que é, no caso, Menelau, seu marido. Embora implore que ela o traia, Páris exige *fides* (“fidelidade”) de sua amada em um suposto futuro em que se unissem. O *exclusus amator*, *tópos* em que o elegíaco se encontra diante da porta trancada da *puella*, não é a exata situação de Páris, mas há certa correspondência quando sofre por Helena passar várias noites junto de Menelau – o que é, também, frequente na elegia.

Assim como muitos elegíacos, Páris usa exemplos míticos em diversas situações. Cita Aquilão e Orítia, Jasão e Medeia e Teseu e Ariadne para argumentar a favor do sequestro de Helena. Para maldizer Menelau e seus ancestrais, fala de Tântalo, Pélope e Atreu; em contrapartida, exalta a própria linhagem troiana com Ganimedes, Titono e Anquises. A diferença é que, sendo ele próprio um personagem da mitologia, os exemplos citados são parte de sua realidade; afinal, enquanto o Ego de Tibulo ou Propércio, por exemplo, fala desses casos como se fossem pessoas conhecidas, sabemos que não é literal, mas Páris tem essa real aproximação – seus próprios precedentes também podem e são utilizados.

No caso de Orítia, Medeia e Ariadne, a exemplificação também diz respeito à característica deliberativa das *suasoriae*. Sobre o gênero deliberativo na Antiguidade que, em sua origem, tinha uma Assembleia como público, este seria “mais móvel e menos culto, [o deliberativo] prefere argumentar pelo exemplo, que, aliás, permite conjecturar o futuro a partir dos fatos passados”^{xvii}. Por essa lógica, Páris argumenta: se Minos não

^{xvi} HOMERO. *Ilíada*, 2021.

^{xvii} REBOUL. Introdução à retórica, p. 46.

incitou guerra diante do rapto de Ariadne por Teseu, certamente o rapto ou fuga de Helena teria o mesmo resultado.

O epidítico, outro gênero da retórica, também é identificável. Reboul explica que ele “censura e, na maioria das vezes, louva ora um homem ou uma categoria de homens, como os mortos na guerra, ora uma cidade, ora seres lendários, como Helena [...]”^{xviii}, e que o orador usa de argumentos do passado e do futuro para falar no presente. A carta de Páris é repleta tanto de exaltações (seja a pessoas individuais, como ele e Helena, ou a uma categoria toda, como os frígios) quanto de censuras (os antepassados de Menelau, por exemplo).

Narrativas de episódios míticos também estão presentes. O episódio do certame das deusas, ou o julgamento de Páris, é descrito na carta pelo ponto de vista do troiano. Além dele, o sonho profético de Hécuba é aproveitado para inserir outras características elegíacas: o apaixonado queimado pelo fogo do amor e a reinterpretação pelo viés amoroso. A segunda é descrita por Veyne: “[...] o poeta é um monomaniaco do amor e reduz tudo a sua paixão, com frequência por um viés inesperado [...]”^{xix}. Enquanto a profecia alerta para o incêndio de Troia, causado indiretamente por Páris, já que acontece ao fim da Guerra de Troia, o Páris elegíaco reinterpreta as chamas no sentido figurado da paixão. O próprio amor como ferida, já citado, também é uma reinterpretação da flecha que atingiria Páris, levando-o à morte.

O *tópos do diues amator* (“amante rico”), entretanto, é um que se subverte na carta, simultaneamente mesclando a épica. Originalmente, esse *amator* seria inimigo do Ego, e representa o oposto dos valores que levam o elegíaco a ter uma vida de *nequitia*, dedicando-a a escrever poesia amorosa. Ele recusa outras profissões, a vida política e gêneros literários mais ilustres (*tópos da recusatio*); é um soldado apenas se do amor (*militia amoris*). O *diues amator*, ao contrário, se preocupa com itens materiais: disputa com o Ego a *puella*, e tenta conquistá-la com suas riquezas, mas “o poeta conquista a mulher amada porque esta quer ser imortalizada nos versos que lhe dedicará e, em todo caso, será

^{xviii} REBOUL. Introdução à retórica, p. 45.

^{xix} VEYNE. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia, o Ocidente*, p. 70.

atraída pelo sucesso profissional que ele obterá por causa dos belos versos que escreve^{xx}. Afinal, como explica Pomeroy, os poetas se atraíam por mulheres que saberiam apreciar seu trabalho^{xxi}.

Páris não tem esse inimigo fútil, porque ele o incorpora. Oferece caros presentes para Helena e, da mesma forma que um leitor pode observar ser feito por outras personagens ao ler a *Ilíada* ou a *Odisseia*, também se gaba de sua ancestralidade, de suas terras e de sua aptidão para a guerra, caso esta realmente aconteça, citando seus feitos guerreiros do passado (com mais *exempla* míticos). A tal imortalização da amada não seria por meio de seus versos, e sim por guerras travadas em seu nome – o que é, como bem sabemos no caso de Helena, verdade. Páris não teria como saber disso, mas um leitor conhecedor dos mitos, sim.

Esse tipo de alusão não é única nas *Heroides*. Rosati aponta que a voz do autor não se ausenta completamente^{xxii}; Ovídio sobrepõe as vozes das personagens com a sua própria, muitas vezes com o uso de ironia. Temos, assim, na carta XVI, Páris como remetente e autor da carta e Helena como sua destinatária; em outro nível, identificamos a voz de Ovídio falando diretamente com os leitores. Insinuar que Helena ganharia renome pelas guerras é, certamente, o segundo caso. Além disso, no uso de alguns mitos como *exempla* de que guerras não seriam travadas pelo sequestro de Helena, não passa despercebido para o leitor a ironia; a comicidade também se percebe nas reinterpretações de viés amoroso do troiano – afinal, um leitor conhecedor sabe sobre a ida de Helena para Troia, a guerra, a morte de Páris pela flecha de Filoctetes e o incêndio em Ílio que marca o fim das batalhas e a derrota dos troianos.

Passemos, então, para a carta em resposta de Helena. Embora tenha muitas similaridades com as heroínas anteriores que escrevem como ela, uma leitura mais detalhista nos permite identificar significantes divergências. O fundamental é que Helena, no que diz respeito aos conselhos amorosos de Ovídio em *Ars Amatoria*, é uma excelente aluna.

^{xx} GIANGRANDE. *Tópoi ellenistici nell'Ars amatoria*, p. 65 *apud* CORDEIRO. *Tópoi elegíacos nas Heroides de Ovídio*, p. 24.

^{xxi} POMEROY. *Goddesses, Whores, Wives and Slaves: Women in Classical Antiquity*, 1995.

^{xxii} OVIDIO. *Lettere di Eroine*, 1989.

Como já foi destacado, a retórica é importante nas *Heroides* como um todo. Entretanto, essa primeira dupla de cartas nos traz outro ponto de análise, uma vez que temos um diálogo, e não um monólogo como nas quinze anteriores. Nesse sentido, Ovídio se aproveita ainda mais do formato epistolar, se o pensarmos como tendo a vantagem de criar “um espaço íntimo de aparente conversa”, além de criar no leitor externo o “sentimento privilegiado’ de se espiar um mundo privado, de compartilhar da vida e dos sentimentos do escritor”^{xxiii}. Lendo as duas cartas, temos acesso aos argumentos e contra-argumentos: Helena contrapõe diversas alegações de Páris, simultaneamente aplicando ensinamentos evidentemente retirados da *Ars Amatoria*, obra ovidiana que aconselha os leitores sobre questões amorosas.

Dividida em três livros – os dois primeiros para os homens, e o terceiro para as mulheres –, a *Ars Amatoria* se mostra presente tanto na carta XVI quanto na XVII. Em sua carta, Páris narra algumas de suas próprias ações, semelhantes a como Ovídio teria aconselhado agir no livro I, e Helena também descreve feitos do potencial amante que parecem ter sido inspirados pela obra. Entretanto, a presença desses ensinamentos na carta XVII é mais significativa quando levamos em consideração que as heroínas anteriores não os dominam como Helena.

Ovídio, no livro III da *Ars Amatoria*, recomenda a leitura das *Epistulae* para suas leitoras. Assim elas seriam, como Ugartemendía aponta, um complemento do “propósito didático da *Ars*”: enquanto essa as instrui, as epístolas permitem “que o leitor possa também extrair um (contra) *exemplum* sobre como não se deve amar”^{xxiv}. É evidente que Helena é o oposto: ela nos demonstra como colocar os ensinamentos de Ovídio em prática.

Para melhor exemplificar, podemos comparar a dupla XVI e XVII com o poema I, 3 de Propércio, no qual também temos a voz do homem e da mulher. Como analisado por Matheus Trevizam em seu artigo de 2008,

^{xxiii} MORELLO; MORRINSON. *Ancient Letters: Classical and Late Antique Epistolography*, p. VI *apud* LADEIRA. *A correspondência de Cícero durante a guerra civil: a crise política romana sob a ótica pública e privada*, p. 58.

^{xxiv} UGARTEMENDÍA. *A exemplaridade do abandono: epístola elegíaca e intratextualidade nas Heroides de Ovídio*, p. 11.

o "Ego de Propércio", quando fala, é submisso a sua amada Cíntia, sua *domina*^{xxv}. Entretanto, quando Cíntia toma a palavra, a situação se inverte: pelo seu ponto de vista, ela era a vítima, negligenciada pelo amado.

Na carta XVII, diferentemente, Helena não se torna submissa quando toma a palavra, embora talvez o pareça em uma leitura superficial. Quando estudamos a *Ars Amatoria* e comparamos com seus dizeres, fica claro que Helena "domina o jogo de sedução de maneira primorosa"^{xxvi}. Intercalar entre incitar medo e desejo no parceiro, que é a base de composição de toda a carta, é também um conselho do livro III.

Essa é, possivelmente, outra inovação de Ovídio: uma voz elegíaca que fala em primeira pessoa, mas não é submissa. A espartana, apesar de se lamentar em determinados momentos, representa a *domina* elegíaca que sempre é falada, mas nunca fala.

Assim como as outras heroínas, Helena é romanizada, adaptada para a elegia, até na escolha de palavras. "As mulheres falam de forma cotidiana, com vocabulário semelhante ao que as contemporâneas de Ovídio usariam na conversa com suas amigas"^{xxvii}. Tal adaptação também é relevante quando pensamos nas *ethopoeiae*: a linguagem é um dos elementos que deve ser bem usado, de modo a acordar com o *ethos* (idade, gênero, classe social e origem) da personagem que se está construindo no discurso. Como, na obra, Helena é elegíaca, seu discurso está de acordo com sua representação, e não com a Helena originária da tradição épica. Responder a carta do pretendente de forma a se aproximar da fala corrente e sem muita erudição, por sinal, é outro conselho para as mulheres oriundo da *Ars*.

Como já vimos, a caracterização de Helena é a de uma típica matrona da época de Ovídio, em que, como ela própria diz no verso 43 de sua carta, *matrona rara pudica est* ("matrona pudica é raro") – uma referência a outros versos dos *Amores*. Assim, suscita esperança em Páris ao demonstrar também não ser casta; em contrapartida, nos momentos em

^{xxv} TREVIZAM. *As falhas do modelo*: Propércio I, 3 e a inversão de poderes no imaginário elegíaco, 2008.

^{xxvi} BIANCHET. *At peccant aliae matronaque rara pudica est*: quão romana é a Helena das *Heroides* de Ovídio?, p. 137.

^{xxvii} VEYNE. *A elegia erótica romana*: o amor, a poesia, o Ocidente, p. 195 *apud* UGARTEMENDÍA. *A exemplaridade do abandono*: epístola elegíaca e intratextualidade nas *Heroides* de Ovídio, p. 17.

que provoca medo da rejeição, Helena se mostra ofendida com a proposta, simbolizando os ideais impostos na era augustana. Ovídio cria muito bem esse esquema entre o modelo exigido para as mulheres casadas de sua época e como muitas eram na realidade. Além disso, também podemos identificar algo do gênero epidítico nas palavras de Helena nos momentos de rejeição, uma vez que também são usados para censurar Páris.

Não falta em Helena, assim como nas outras heroínas, o conhecimento das cartas anteriores. Ela é leitora tanto da *Ars Amatoria* quanto das *Epistulae Heroidum*, e isso se mostra quando usa os exemplos de Páris para colocá-los sob outra perspectiva: Ariadne e Medeia não se tornaram a causa de guerras, mas foram abandonadas. O próprio Páris, Helena aponta, teria abandonado Enone. Seus conhecimentos mitológicos advêm das palavras das próprias mulheres que se pronunciaram – as quais, no caso de Enone, Ariadne e Medeia, se encontram respectivamente nas cartas V, X e XII das *Heroides*. Em diversos momentos, fica evidente que Helena teme que aconteça com ela o que aconteceu com as outras, e ela sabe muito bem dos detalhes. Como uma boa aluna da *Ars*, Helena sabe que deve tomar as cartas anteriores como *exempla* a não serem seguidos.

A ironia pela voz de Ovídio entremeada nos versos também surge na epístola XVII, mas não sem um outro propósito. Em seus contra-argumentos, Helena situa Páris na elegia rejeitando o que é colocado do gênero épico. As riquezas da outra terra não a interessam tanto, uma vez que a sua não é tão pobre como Páris diz. Os ancestrais dele não se comparam aos de Helena, que tem o próprio Júpiter como pai. Embora não rejeite completamente os presentes, o que realmente a interessa, como uma típica amante elegíaca, é Páris em si.

Quando Helena se pronuncia sobre a guerra, encontramos a mensagem ovidiana para o leitor versado. Enquanto convence Páris a exprimir apenas valores elegíacos, já que os outros não a interessam, exige que ele exerça apenas a milícia amorosa, e não da guerra – remetendo-nos ao *tópos* da *militia amoris*. Além disso, Helena ordena que Páris mande o irmão Heitor lutar em seu lugar: o leitor da *Ilíada* sabe bem que é isso que acontece no canto III. Vários acontecimentos que se dariam no futuro da carta são motivo de medo para Helena, mesmo que não seja possível que ela os preveja. As únicas pistas seriam o sonho profético da mãe de Páris e

o incêndio alertado pelos adivinhos – situações cuja interpretação o troiano muda para o sentido amoroso em sua carta. É, também, a única característica elegíaca de Páris que Helena rejeita: ela não se mostra convencida de que o fogo seria alegórico. Também teme a fama de sua desonra, e parece convencida de que o caso deles seria motivo de guerra.

Assim, fica claro que Ovídio insere várias alusões ao futuro para alcançar seus leitores. Enquanto, na carta XVI, a ironia apresentada se dá pela ignorância de Páris, na carta XVII, essa se mostra pela lucidez em demasia de Helena.

Sobre as alusões ao ato de escrita, característica antes mencionada da epistolografia, Helena o faz nos últimos versos de sua carta ao reclamar da mão cansada de escrever. Além disso, explicita a função de transmitir o que ela não poderia dizer a Páris abertamente, e alude que mais conversas seguirão por meio das amas Climene e Etra. Ovídio, dessa forma, atiga a curiosidade do leitor que não tem acesso a mais trocas, mantendo o mistério sobre o ocorrido até a partida dos amantes para Troia.

Podemos constatar que a escolha de personagens para a primeira dupla das *Epistulae Heroidum* não foi vã: ao reconstruir Páris e Helena, o autor (re)cria duplicidades que já poderiam ser identificadas originalmente, aprimorando-as mais ainda com a mistura de gêneros. Mesmo sendo épico, Páris é um personagem favorecido por Vênus, a deusa correspondente da elegia erótica romana: nem todas as suas ações na *Ilíada* são como um personagem épico deveria se comportar. É extremamente notável que Ovídio tenha encontrado essa possibilidade para aproveitar tais elementos em sua criação, e mais ainda em Helena.

Helena é uma figura repetidamente discutida tanto pelos autores antigos quanto pelos atuais. Inúmeras leituras podem ser feitas pelas suas aparições nos épicos *Ilíada* e *Odisséia*, e inúmeros textos foram criados, seja para atribuir a ela culpa ou para defendê-la. Afinal, teria sido um sequestro ou uma fuga voluntária? Ovídio não compôs a carta XVII de modo a clarificar essa questão. Em vez disso, usando do contexto histórico-cultural e da mistura de gêneros literários e retóricos, reformula a dubiedade de Helena.

Sendo assim, a leitura e estudo da dupla XVI-XVII das *Epistulae Heroidum* é, sem dúvida, uma experiência extremamente enriquecedora.

Belo Horizonte, FALE-UFMG

Sofia Morais Coelho

Referências

- BIANCHET, Sandra M. G. B. At peccant aliae matronaque rara pudica est: quão romana é a Helena das *Heroides* de Ovídio? *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 131-140, 2016. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/10798. Acesso em: 17 fev. 2022.
- BJÖRK, Martina. *Ovid's Heroides and the Ethopoeia*. Lund: Lund University (Media-Tryck), 2016.
- CORDEIRO, Wilker P. *Tópoi elegíacos nas Heroides de Ovídio*. 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2013.
- GIANGRANDE, Giuseppe. Tópoi ellenistici nell'*Ars Amatoria*. In: GALLO, Italo; NICASTRI, Luciano (org.). *Cultura poesia ideologia nell'Opera di Ovidio*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1991, p. 61-98.
- HOMERO. *Íliada*. 15. ed. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- LADEIRA, Felipe C. S. *A correspondência de Cícero durante a guerra civil: a crise política romana sob a ótica pública e privada*. 2020. 333 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- MORELLO, Ruth; MORRISON, A. (org.). *Ancient Letters: Classical and Late Antique Epistolography*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- OVIDIO. *Lettere di Eroine*. Introduzione, traduzione e note di Gianpiero Rosati. Milano: Rizzoli, 1989.
- P. OVIDIUS NASO [Ovídio]. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris*. R. Ehwald edidit ex Rudolphi Merkelii recognitione. Leipzig. B. G. Teubner. 1907. Available at: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0068%3Atext%3DArs>. Access on: 22 Jun. 2022.
- POMEROY, Sarah B. *Goddesses, Whores, Wives and Slaves: Women in Classical Antiquity*. New York: Schocken Books, 1995.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- SÊNECA. *Controversiae*. Available at: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A2008.01.0563%3Abook%3D2%3Achapter%3D2%3Asection%3D8>. Access on: 20 Jun. 2022.
- TRAPP, Michael. Introduction. In: TRAPP, Michael. *Greek and Latin Letters: an Anthology with Translation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 1-47.
- TREVIZAM, Matheus. As falhas do modelo: Propércio I 3 e a inversão de poderes no imaginário elegíaco. *Nonada: Letras em Revista*, Porto Alegre, v. 11, n. 11, p. 129-145, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451680009>. Acesso em: 17 fev. 2022.
- UGARTEMENDÍA, Cecília M. *A exemplaridade do abandono: epístola elegíaca e intratextualidade nas Heroides de Ovídio*. 2017. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- VEYNE, Paul. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia, o Ocidente*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Unesp, 2015.
- VEYNE, Paul. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia, o Ocidente*. Tradução de Milton Meira do Nascimento e Maria das Graças de Souza Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1983.

XVI Paris Helenae

Ovídio

Hanc tibi Priamides mitto, Ledaea, salutem,
quae tribui sola te mihi dante potest.
Eloquar, an flammae non est opus indice notae,
et plus quam uellem iam meus extat amor?
5 Ille quidem lateat malim, dum tempora dentur
laetitia mixtos non habitura metus,
sed male dissimulo; quis enim celauerit ignem,
lumine qui semper proditur ipse suo?
Si tamen expectas, uocem quoque rebus ut addam –
10 uror! Habes animi nuntia uerba mei.
Parce, precor, fasso, nec uultu cetera duro
perlege, sed formae conueniente tuae.
Iamdudum gratum est, quod epistula nostra recepta
spem facit, hoc recipi me quoque posse modo.
15 Quae rata sit, nec te frustra promiserit, opto,
hoc mihi quae suasit, mater Amoris, iter;
namque ego diuino monitu – ne nescia pecces –
aduehor et coepto non leue numen adest.
Praemia magna quidem, sed non indebita, posco;
20 pollicita est thalamo te Cytherea meo.
Hac duce Sigeo dubias a litore feci
longa Phereclea per freta puppe uias.
Illa dedit faciles auras uentosque secundos –

XVI Páris a Helena

Ovídio

Esta saudação eu, filho de Príamo, envio a ti, ó filha de Leda¹,
a qual me pode ser concedida somente se a deres.
Devo dizer, ou não é preciso indicar a chama conhecida²,
e, mais do que gostaria, meu amor já aparece?
5 Decerto preferiria que ele se escondesse, até se darem
tempos sem medo misturado à alegria,
mas finjo mal; quem, com efeito, esconderia o fogo,
que sempre se entrega ele mesmo com sua luz?
Se, no entanto, esperas que eu ainda nomeie as coisas,
10 queimo-me! Tens as palavras reveladoras de meu espírito.
Poupa, peço, quem confessou, e não leias o que resta
com semblante duro, mas compatível à tua beleza.
Já é agradável nossa carta, recebida, dar
esperança de que eu também seja recebido assim.
15 Que se confirme, e não te tenha, desejo, prometido em vão
a mãe do Amor³, que a esta viagem me exortou;
com efeito, eu por conselho divino – não erres insciente –
sou trazido, e não fraca divindade assiste a empresa.
Prêmios decerto grandes, mas não desmerecidos, peço:
20 Citereia⁴ prometeu-te a meu leito.
Sendo ela a guia, fiz viagens perigosas do litoral
Sigue⁵ por mares distantes, na popa de Féreclo⁶.
Ela deu brisas propícias e ventos favoráveis –

in mare nimirum ius habet orta mari.
25 Perstet et ut pelagi, sic pectoris adiuet aestum;
deferat in portus et mea uota suos.
Attulimus flammas, non hic inuenimus, illas.
Hae mihi tam longae causa fuere uiae,
nam neque tristis hiemps neque nos huc appulit error;
30 Taenaris est classi terra petita meae.
Nec me crede fretum merces portante carina
findere – quas habeo, di tueantur opes!
Nec uenio Graias ueluti spectator ad urbes –
oppida sunt regni diuitiora mei.
35 Te peto, quam pepigit lecto Venus aurea nostro;
te prius optauit, quam mihi nota fores.
Ante tuos animo uidi quam lumine uultus;
prima tulit uulnus nuntia fama tui.
Nec tamen est mirum, si, sicut oportet, ab arcu
40 missilibus telis eminus ictus amo.
Sic placuit fati; quae ne conuellere temptes,
accipe cum uera dicta relata fide.
Matris adhuc utero partu remorante tenebar;
iam grauidus iusto pondere uenter erat.
45 Illa sibi ingentem uisa est sub imagine somni
flammiferam pleno reddere uentre facem.
Territa consurgit metuendaque noctis opacae
uisa seni Priamo; uatibus ille refert.
Arsurum Paridis uates canit Ilion igni –
50 pectoris, ut nunc est, fax fuit illa mei!
Forma uigorque animi, quamuis de plebe uidebar,
indicium tectae nobilitatis erat.
Est locus in mediis nemorosae uallibus Idae
deuius et piceis ilicibusque frequens,
55 qui nec ouis placidae nec amantis saxa capellae
nec patulo tardae carpitur ore bouis.
Hinc ego Dardaniae muros excelsaque tecta
et freta prospiciens arbore nixus eram –

tem, sem dúvida, direito sobre o mar a nascida do mar⁷.
25 Continue ela e, assim como a do mar, acalme a agitação do peito,
e traga a seus portos também os meus votos.
Trouxemos aquela chama, não a encontramos aqui.
Ela foi, para mim, causa de tão longa viagem.
Com efeito, nem triste tempestade nem errância nos chamou aqui;
30 a terra Tenária⁸ foi buscada por minha esquadra.
Não creias que eu sulque o mar em quilha portando
mercadorias – as riquezas que tenho, protejam os deuses!
Nem venho para admirar as cidades gregas⁹ –
as cidades de meu reino são mais ricas.
35 Busco a ti, que Vênus dourada prometeu a nosso leito;
desejei-te antes de seres conhecida por mim.
Vi tua face com a mente antes que com os olhos;
a fama sobre ti primeiro fez, mensageira, a ferida¹⁰.
Mas não admira se, como convém, amo
40 atingido de longe pelas flechas do arco.
Assim agradou ao destino; para não tentar subvertê-lo,
ouve as palavras ditas com real boa-fé.
Ainda me retinha o útero materno, tardava o parto;
já estava o ventre grávido do devido peso.
45 Ela pareceu a si, na imagem de um sonho, enorme
tocha ardente expulsar do ventre cheio¹¹.
Temerosa se levanta e as temíveis visões da noite
escura conta ao velho Príamo, ele aos adivinhos.
O adivinho prediz que Ílio há de arder pela chama de Páris¹² –
50 aquela, como se vê agora, era a tocha de meu peito!¹³
A beleza e o vigor do espírito, embora eu parecesse plebeu,
eram sinal da nobreza oculta.
Há um lugar no meio dos vales do Ida copado,
afastado e cheio de pinheiros resinosos e azinheiras,
55 que nem pela calma ovelha, nem pela cabra amante
das pedras, nem pela grande boca da lenta vaca é colhido.
Daqui observando eu os muros da Dardânia¹⁴, as altas moradas
e os mares, apoiara-me em uma árvore –

ecce! Pedum pulsu uisa est mihi terra moueri –
60 uera loquar ueri uix habitura fidem –
constitit ante oculos actus uelocibus alis
Atlantis magni Pleionesque nepos –
fas uidisse fuit, fas sit mihi visa referre! –
inque dei digitis aurea uirga fuit;
65 tresque simul diuae, Venus et cum Pallade Iuno,
graminibus teneros inposuere pedes.
Obstupui, gelidusque comas erexerat horror,
cum mihi “pone metum!” Nuntius ales ait,
“arbiter es formae; certamina siste dearum;
70 uincere quae forma digna sit una duas!”
Neue recusarem, uerbis Iouis imperat et se
protinus aetheria tollit in astra uia.
Mens mea conualuit, subitoque audacia uenit,
nec timui uultu quamque notare meo.
75 Vincere erant omnes dignae iudexque querebar
non omnes causam uincere posse suam.
Sed tamen ex illis iam tunc magis una placebat,
hanc esse ut scires, unde mouetur amor.
Tantaque uincendi cura est; ingentibus ardent
80 iudicium donis sollicitare meum.
Regna Iouis coniunx, uirtutem filia iactat;
ipse potens dubito fortis an esse uelim.
Dulce Venus risit; “nec te, Pari, munera tangant
utraque suspensi plena timoris!” Ait;
85 “nos dabimus, quod ames, et pulchrae filia Ledae
ibit in amplexus pulchrior illa tuos!”
Dixit, et ex aequo donis formaque probata
uictorem caelo rettulit illa pedem.
Interea – credo uersis ad prospera fatis –
90 regius adgnoscor per rata signa puer.
Laeta domus nato post tempora longa recepto est,
addit et ad festos hunc quoque Troia diem.
Utque ego te cupio, sic me cupiere puellae;

eis! A terra pareceu-me mover-se com batidas de pés
60 – contarei fatos que mal terão crédito de veracidade –
e apareceu diante de meus olhos, movido por asas velozes,
o neto do grande Atlante e de Plêione¹⁵ –
foi lícito ver, seja-me lícito contar o que vi! –,
tinha uma vara de ouro nos dedos divinos¹⁶;
65 e três deusas juntas, Vênus e Juno com Palas,
puseram delicados pés na grama¹⁷.
Eu me espantei, e gélido horror arrepiara os cabelos,
quando o mensageiro alado me diz: “Deixa o medo!
És árbitro da beleza; põe fim ao certame das deusas¹⁸;
70 diz que beleza, única, é digna de vencer duas!”
Para eu não recusar, ordena com as palavras de Júpiter e se
eleva sem demora aos astros, em caminho celeste.
Meu espírito ganhou forças, de repente veio audácia,
nem temi examinar cada qual com meus olhos.
75 Todas eram merecedoras de vencer e, juiz, queixava-me
que nem todas pudessem vencer sua causa¹⁹.
Mas, no entanto, dentre elas uma então já agradava mais,
para que se soubesse ser aquela de que amor é inspirado.
Tamanha é a ânsia de vencer; anseiam por rogar
80 meu julgamento com enormes presentes.
A esposa de Júpiter reinos, a filha profere o valor;
eu próprio hesito se quero ser poderoso ou corajoso.
Vênus riu docemente: “Não te cativem, Páris, ambos
os presentes, cheios de inquieto medo!”, fala.
85 “Daremos o que possas amar, e a filha da bela Leda,
sendo mais bela, virá a teus braços!”
Falou, e – aprovada igualmente pelos presentes e pela beleza –
voltou ao céu com vitoriosos pés.
Nesse ínterim, creio, virando-se o destino à bonança,
90 sou reconhecido como criança real por seguros sinais.
A casa fica alegre com o filho que é recebido após longo tempo,
e Troia junta também este dia aos festivos²⁰.
E, assim como eu te desejo, desejaram-me as moças;

multarum uotum sola tenere potes!
95 Nec tantum regum natae petiere ducumque,
sed nymphis etiam curaque amorque fui.
Quam super Oenones faciem mirarer? In orbe
nec Priamo est a te dignior ulla nurus.
Sed mihi cunctarum subeunt fastidia, postquam
100 coniugii spes est, Tyndari, facta tui.
Te uigilans oculis, animo te nocte uidebam,
lumina cum placido uicta sopore iacent.
Quid facies praesens, quae nondum uisa placebas?
Ardebam, quamuis hic procul ignis erat,
105 Nec potui debere mihi spem longius istam,
caerulea peterem quin mea uota uia.
Troia caeduntur Phrygia pineta securi
quaeque erat aequoreis utilis arbor aquis;
ardua proceris spoliantur Gargara siluis,
110 innumerasque mihi longa dat Ida trabes.
Fundatura citas flectuntur robora naues,
textitur et costis panda carina suis.
Addimus antennas et uela sequentia malo;
accipit et pictos puppis adunca deos;
115 qua tamen ipse uehor, comitata Cupidine paruo
sponsor coniugii stat dea picta tui.
Imposita est factae postquam manus ultima classi,
protinus Aegaeis ire lubebat aquis –
at pater et genetrix inhihent mea uota rogando
120 propositumque pia uoce morantur iter;
et soror, effusis ut erat, Cassandra, capillis,
cum uellent nostrae iam dare uela rates,
“quo ruis?” Exclamat, “referes incendia tecum!
Quanta per has nescis flamma petatur aquas!”
125 Vera fuit uates; dictos inuenimus ignes,
et ferus in molli pectore flagrat amor!
Portubus egredior, uentisque ferentibus usus
applicor in terras, Oebali nympa, tuas.

apenas tu podes obter o voto de muitas!

95 Não só as filhas de reis e de generais me buscaram,
mas também para as ninfas fui cuidado e amor.
Qual acima da beleza de Enone²¹ admirar? E, no mundo,
nenhuma nora é mais digna de Príamo depois de ti.
Mas vem-me a aversão a todas, depois que

100 existe esperança, ó filha de Tíndaro²², de teu enlace.
Eu te via, acordado, com os olhos; de noite, com a mente,
quando os olhos descansam vencidos por calmo sono²³.
Que farás presencialmente, tu que agradavas ainda sem ser vista?
Eu queimava, embora a chama estivesse aqui, longe;

105 nem pude dever a mim mais longamente essa esperança,
sem que buscasse o objeto de meus desejos em via azul.
Em Troia são derrubados por machado frígio os pinhais,
e cada árvore que era útil para as águas do mar;
são privados os altos Gárgaros²⁴ dos bosques excelsos,

110 e o vasto Ida dá a mim inúmeras traves.
Carvalhos que originarão rápidas naus são dobrados,
e é tecida a quilha curva com seus costados.
Juntamos antenas e velas a pender do mastro,
e a popa adunca recebe deuses pintados;

115 mas, onde eu próprio sou levado, uma pintura da deusa,
na companhia do pequeno Cupido²⁵, ergue-se fiadora de tua união.
Depois que a última mão se deu à esquadra construída,
logo tinha vontade de seguir nas águas do Egeu –
mas meu pai e minha mãe se opõem a meus desejos rogando

120 e, com voz zelosa, retardam a jornada decidida;
e minha irmã Cassandra²⁶ como estava, de cabelos soltos,
querendo já nossos navios soltar velas,
"Aonde corres?", exclama, "Trarás incêndios contigo!
Não sabes quão grande chama é buscada por estas águas!"

125 A adivinha foi verdadeira; encontramos o fogo dito,
e selvagem amor arde no peito delicado!²⁷
Saio dos portos e, servindo-me dos ventos impulsores,
eu me aproximo, ó ninfa Ebália²⁸, de tuas terras.

Excipit hospitio uir me tuus – hoc quoque factum
130 non sine consilio numinibusque deum!
Ille quidem ostendit, quidquid Lacedaemone tota
ostendi dignum conspicuumque fuit;
sed mihi laudatam cupienti cernere formam
lumina nil aliud quo caperentur erat.
135 Vt uidi, obstipui praecordiaque intima sensi
attonitus curis intumuisse nouis.
His similes uultus, quantum reminiscor, habebat
uenit in arbitrium cum Cytherea meum.
Si tu uenisses pariter certamen in illud,
140 in dubium Veneris palma futura fuit!
Magna quidem de te rumor praeconia fecit,
nullaque de facie nescia terra tua est;
nec tibi par usquam Phrygia nec solis ab ortu
inter formosas altera nomen habet!
145 Credis et hoc nobis? – minor est tua gloria uero,
famaque de forma paene maligna tua est;
plus hic inuenio, quam quod promiserat illa,
et tua materia gloria uicta sua est.
Ergo arsit merito, qui nouerat omnia, Theseus,
150 et uisa es tanto digna rapina uiro,
more tuae gentis nitida dum nuda palestra
ludis et es nudis femina mixta uiris.
Quod rapuit, laudo; mirror, quod reddidit umquam.
tam bona constanter praeda tenenda fuit.
155 Ante recessisset caput hoc ceruice cruenta,
quam tu de thalamis abstraherere meis.
Tene manus umquam nostrae dimittere uellent?
Tene meo paterer uiuus abire sinu?
Si reddenda fores, aliquid tamen ante tulissem,
160 nec Venus ex toto nostra fuisset iners.
Vel mihi uirginitas esset libata, uel illud
quod poterat salua uirginitate rapi.
Da modo te, quae sit Paridis constantia, nosces:

Teu marido²⁹ me recebe hospedando – isso também não foi feito
130 sem um desígnio e o desejo dos deuses!
Ele decerto mostra tudo o que, na Lacedemônia inteira,
era digno de ser mostrado e notável³⁰;
mas para mim, que queria divisar a beleza gabada,
nada mais havia com que os olhos fossem arrebatados.
135 Quando vi, espantei-me e, atônito, notei que no fundo
do peito cresciam novos cuidados.
Tinha, se me lembro, feições parecidas com estas
Citereia, quando veio para eu julgar.
Se tu igualmente tivesses ido àquele certame,
140 a vitória de Vênus teria de estar em dúvida!
Decerto, a fama fez grandes elogios a ti,
e nenhuma terra ignora tua formosura;
nem em lugar algum da Frígia ou do Oriente tem
alguma outra, entre as belas, renome como tu!
145 Também nisto crês em nós? – tua glória é menor que a realidade,
e a fama de tua beleza é quase invejosa;
encontro mais aqui do que ela prometera,
e tua glória foi vencida por seu objeto.
Então, com direito se abrasou Teseu³¹, que tudo sabia,
150 e pareceste presa digna de tão grande homem
ao brincares nua no luminoso estádio, à moda de teu
povo, e seres mulher misturada a homens nus³².
Louvo que tenha raptado; admiro que um dia tenha devolvido³³.
Presas tão boas deveriam ser mantidas com constância.
155 Antes fosse esta cabeça decepada de meu colo em sangue
que tu fosses separada de meu leito.
Acaso nossas mãos quereriam deixar-te um dia?
Acaso, vivo, suportaria que te fosses do meu seio?
Se devesse ser devolvida, algo antes eu teria tomado,
160 e nossa Vênus não teria sido de todo inerte.
Teria sido tirada por mim quer tua virgindade, quer aquilo
que se podia tomar salvando a virgindade.
Apenas te entregues, e saberás qual a constância de Páris:

flamma rogi flammas finiet una meas.
 165 Praeposui regnis ego te, quae maxima quondam
 pollicita est nobis nupta sororque Iouis;
 dumque tuo possem circumdare bracchia collo,
 contempta est uirtus Pallade dante mihi.
 Nec piget, aut umquam stulte legisse uidebor;
 170 permanet in uoto mens mea firma suo.
 Spem modo ne nostram fieri patiare caducam,
 deprecor, o tanto digna labore peti!
 Non ego coniugium generosae degener opto,
 nec mea, crede mihi, turpiter uxor eris.
 175 Pliada, si quaeres, in nostra gente Iouemque
 inuenies, medios ut taceamus auos;
 sceptras parens Asiae, qua nulla beatior ora est,
 Finibus immensis uix obeunda, tenet.
 innumeras urbes atque aurea tecta uidebis,
 180 Quaeque suos dicas templa decere deos.
 Ilion adspicies firmataque turribus altis
 moenia, Phoebeae structa canore lyrae.
 Quid tibi de turba narrem numeroque uirorum?
 Vix populum tellus sustinet illa suum.
 185 Occurrent denso tibi Troades agmine matres,
 nec capient Phrygias atria nostra nurus.
 O quotiens dices: "quam pauper Achaia nostra est!"
 Vna domus quaeuis urbis habebit opes.
 Nec mihi fas fuerit Sparten contemnere uestram;
 190 in qua tu nata es, terra beata mihi est.
 Parca sed est Sparte, tu cultu diuite digna;
 ad talem formam non facit iste locus.
 Hanc faciem largis sine fine paratibus uti
 deliciisque decet luxuriare nouis.
 195 Cum uideas cultus nostra de gente uirorum,
 qualem Dardanias credis habere nurus?
 Da modo te facilem, nec dedignare maritum,
 rure Therapnaeo nata puella, Phrygem.

só a chama da pira acabará com minhas chamas³⁴.
165 Eu te preferi aos reinos que, outrora, prometeu-nos
a poderosa esposa e irmã de Júpiter;
e, podendo envolver teu colo com meus braços,
foi desprezada a virtude que me dava Palas.
Não me pesa, nem jamais parecerá tola a escolha que fiz;
170 minha intenção mantém firme o seu voto.
Apenas não deixes que nossa esperança seja vã,
imploro, ó digna de busca com tamanho esforço!
Não desejo eu, ignóbil, com uma nobre a união,
nem, crê em mim, serás minha esposa torpemente.
175 Se procurares, hás de achar uma Plêiade e Júpiter
em nossa família³⁵, para não falar de avôs do meio³⁶.
Tem meu pai o cetro da Ásia, nenhuma região é mais feliz
que ela, a custo se há de percorrê-la em seu imenso território.
Verás incontáveis cidades e moradas de ouro
180 e dirias que cada templo convém a seus deuses.
Verás Ílio e as muralhas protegidas por altas
torres, construídas pela melodia da lira de Febo³⁷.
Por que falar a ti do povoamento e do número de homens?
A custo aquela terra mantém seu povo.
185 Matronas troianas, em densa multidão, virão a teu encontro,
e nossos átrios não conterão moças frígias.
Oh, quantas vezes dirás: "Quão pobre é nossa Acaia!"³⁸
Uma só casa, qualquer, terá as riquezas de uma cidade.
Nem me seja lícito desprezar vossa Esparta;
190 é feliz, para mim, a terra em que nasceste.
No entanto, frugal é Esparta³⁹, tu és digna de rico luxo;
esse lugar não traz proveito a tal beleza.
Convém que esta beleza se sirva sem limites de muita
pompa e se divirta com novos prazeres.
195 Vendo tu os luxos dos varões de nosso povo,
crês que as moças dardânicas têm o quê?⁴⁰
Apenas te entregues facilmente, e não desdenhes o marido
frígio, moça nascida no campo de Terapna⁴¹.

Phryx erat et nostro genitus de sanguine, qui nunc
200 cum dis potando nectare miscet aquas.
Phryx erat Aurorae coniunx, tamen abstulit illum
extremum noctis quae dea finit iter.
Phryx etiam Anchises, uolucrum cui mater Amorum
gaudet in Idaeis concubuisse iugis.
205 Nec, puto, conlatis forma Menelaus et annis
iudice te nobis antefendus erit.
Non dabimus certe socerum tibi clara fugantem
lumina, qui trepidos a dape uertat equos;
nec Priamo pater est soceri de caede cruentus
210 et qui Myrtoas crimine signat aquas;
nec proauo Stygia nostro captantur in unda
poma, nec in mediis quaeritur umor aquis.
Quid tamen hoc refert, si te tenet ortus ab illis,
cogitur huic domui Iuppiter esse socer?
215 Heu facinus! Totis indignus noctibus ille
te tenet amplexu perfruiturque tuo;
at mihi conspiceris posita uix denique mensa,
multaque quae laedant hoc quoque tempus habet.
Hostibus eueniant conuiuia talia nostris,
220 experior posito qualia saepe mero!
Paenitet hospitii, cum me spectante lacertos
imponit collo rusticus iste tuo.
Rumpor et inuideo – quidni tamen omnia narrem? –
membra superiecta cum tua ueste fouet.
225 Oscula cum uero coram non dura daretis,
ante oculos posui pocula sumpta meos;
lumina demitto cum te tenet artius ille,
crescit et inuito lentus in ore cibus
saepe dedi gemitus; et te – lasciuia! – notau
230 in gemitu risum non tenuisse meo.
Saepe mero uolui flammam compescere, at illa
creuit, et ebrietas ignis in igne fuit,
multaque ne uideam, uersa ceruice recumbo;

Era frígio e gerado de nosso sangue quem agora
200 mistura água a néctar⁴², bebida dos deuses.
Era frígio o esposo de Aurora, mas levou-o
a deusa que o curso final da noite encerra⁴³.
Frígio também Anquises, com que a mãe dos alados Amores
se alegra de ter deitado nas serras do Ida⁴⁴.
205 Nem, penso, comparadas a beleza e a idade
por teu julgamento, Menelau haverá de vencer-nos.
Não te daremos, decerto, um sogro que espante
a clara luz, que desvie do banquete trementes cavalos⁴⁵;
nem tem Príamo um pai cruento pela matança do sogro
210 e que nomeia o mar de Mirto com seu crime⁴⁶;
nem são tomados frutos na água do Estige por nosso
trisavô, nem se busca bebida em meio às águas⁴⁷.
Mas de que isto importa, se te tem quem nasceu deles,
Júpiter se obriga a ser sogro nesta casa?
215 Oh, crime! Noites inteiras aquele indigno
te tem e desfruta do enlace contigo⁴⁸;
mas por mim mal és vista ao pôr-se enfim a mesa,
e este tempo também tem muitas coisas que ferem.
Sucedam para nossos inimigos banquetes tais
220 quais amiúde suporte, ao servir-se o vinho!⁴⁹
É penosa a hospitalidade, quando, olhando eu,
os braços esse rústico apoia em teu colo.
Importuno-me com inveja – mas por que não contar tudo? –
quando acaricia teus membros sob as cobertas.
225 Mas, dando vós beijos delicados na minha frente,
diante de meus olhos pus a taça que tomei;
baixo os olhos quando ele te segura mais forte,
e o alimento para devagar na boca contrariada.
Muitas vezes eu gemi; e percebi que tu – lasciva!
230 Não seguraste o riso enquanto eu gemia.
Muitas vezes quis apagar a chama com o vinho, mas ela
aumentou, e foi a embriaguez chama na chama⁵⁰,
e, para não ver muito, reclino-me virando a cerviz;

sed reuocas oculos protinus ipsa meos.
235 Quid faciam, dubito; dolor est meus illa uidere,
sed dolor a facie maior abesse tua.
Qua licet et possum, luctor celare furorem;
sed tamen apparet dissimulatus amor.
Nec tibi uerba damus; sentis mea uulnera, sentis!
240 Atque utinam soli sint ea nota tibi!
A, quotiens lacrimis uenientibus ora reflexi,
ne causam fletus quaereret ille mei!
A, quotiens aliquem narraui potus amorem,
ad uultus referens singula uerba tuos,
245 indiciumque mei ficto sub nomine feci!
Ille ego, si nescis, uerus amator eram.
Quin etiam, ut possem uerbis petulantius uti,
non semel ebrietas est simulata mihi.
Proditae sunt, memini, tunica tua pectora laxa
250 atque oculis aditum nuda dedere meis –
pectora uel puris niuibus uel lacte tuamque
complexo matrem candidiora Ioue.
Dum stupeo uisis – nam pocula forte tenebam –
tortilis a digitis excidit ansa meis.
255 Oscula si natae dederas, ego protinus illa
Hermiones tenero laetus ab ore tuli.
Et modo cantabam ueteres resupinus amores,
et modo per nutum signa tegenda dabam.
Et comitum primas, Clymenen Aethramque, tuarum
260 ausus sum blandis nuper adire sonis,
quae mihi non aliud, quam formidare, locutae
orantis medias deseruere preces.
Di facerent, pretium magni certaminis esses,
teque suo posset uictor habere toro! –
265 ut tulit Hippomenes Schoeneida praemia cursus,
uenit ut in Phrygios Hippodamia sinus,
ut ferus Alcides Acheloia cornua fregit,
dum petit amplexus, Deianira, tuos.

mas logo, tu própria, atrais os meus olhos.
235 Não sei o que fazer; sinto dor ao ver aquelas coisas,
mas é dor maior ausentar-me de tua presença.
Como é lícito e consigo, luto por esconder
o furor, mas o amor escondido aparece.
Não te estamos iludindo; sentes minhas feridas, sentes!
240 E tomara que sejam conhecidas a ti somente!
Ah, quantas vezes virei o rosto ao virem as lágrimas,
para ele não perguntar a causa do meu pranto!⁵¹
Ah, quantas vezes contei bêbado um amor,
referindo cada palavra às tuas feições,
245 e me denunciei sob um nome falso!
Eu mesmo, se ignoras, era o verdadeiro amante.
Além disso, para que eu pudesse falar mais atrevidamente,
a embriaguez fingi não uma só vez⁵².
Foram mostrados teus seios, lembro, ao abrir-se a túnica,
250 e patentearam-se a meus olhos em sua nudez:
seios mais brancos que a neve pura ou que o leite
e que Júpiter, quando abraçou tua mãe⁵³.
Enquanto me espantava com a visão – acaso, pois, segurava a taça –,
a asa sinuosa se soltou de meus dedos.
255 Se deras beijos à tua filha, eu mesmo logo os buscava
contente, da tenra boca de Hermíone⁵⁴.
E ora cantava reclinado velhos amores,
ora dava sinais secretos por meio de acenos.
E as primeiras dentre tuas companheiras, Climene e Etra⁵⁵,
260 ousei há pouco abordar com doces palavras,
elas nada mais me disseram a não ser ter medo,
deixaram no meio os pedidos de um suplicante.
Fizessem os deuses que fosses o prêmio de grande certame,
e que o vencedor pudesse ter-te em seu leito! –
265 como Hipômenes teve, prêmio da corrida, a filha de Esqueneu⁵⁶,
como Hipodâmia veio a braços frígios⁵⁷,
como o duro Alcides rompeu os chifres de Aqueloo,
enquanto este buscava, Dejanira, o teu enlace⁵⁸.

nostra per has leges audacia fortiter isset,
270 teque mei scires esse laboris opus.
Nunc mihi nil superest nisi te, formosa, precari,
amplectique tuos, si patiare, pedes.
O decus, o praesens geminorum gloria fratrum,
o Ioue digna uiro, ni Ioue nata fores,
275 aut ego Sigeos repetam te coniuge portus,
aut hic Taenaria contegar exul humo!
Non mea sunt summa leuiter destricta sagitta
pectora; descendit uulnus ad ossa meum!
Hoc mihi – nam repeto – fore, ut a caeleste sagitta
280 figar, erat uerax uaticinata soror.
Parce datum fatis, Helene, contemnere amorem –
sic habeas faciles in tua vota deos!
Multa quidem subeunt; sed coram ut plura loquamur,
excipe me lecto nocte silente tuo.
285 An pudet et metuis Venerem temerare maritam
castaque legitimi fallere iura tori?
A, nimium simplex Helene, ne rustica dicam,
hanc faciem culpa posse carere putas
aut faciem mutes aut sis non dura, necesse est;
290 lis est cum forma magna pudicitiae.
Iuppiter his gaudet, gaudet Venus aurea furtis;
haec tibi nempe patrem furta dedere Iovem.
Vix fieri, si sunt uires in semine morum,
et Iouis et Ladae filia, casta potes.
295 Casta tamen tum sis, cum te mea Troia tenebit,
et tua sim, quaeso, crimina solus ego
nunc ea peccemus quae corriget hora iugalis,
si modo promisit non mihi uana Venus!
Sed tibi et hoc suadet rebus, non uoce, maritus,
300 neue sui furtis hospitis obstet, abest.
Non habuit tempus, quo Cresia regna uideret,
aptius – o mira calliditate uirum!
“Res, et ut Idaei mando tibi,” dixit iturus,

Sob tais condições, com coragem viria nossa audácia,
270 e saberias que és produto de meu esforço.
Agora nada me resta exceto, ó bela, suplicar a ti,
e, se deixares, abraçar os teus pés.
Oh honra, oh glória vivente dos dois irmãos gêmeos⁵⁹,
oh digna de desposar Júpiter – mas és filha de Júpiter –,
275 ou eu voltarei aos portos Sigeus⁶⁰ tendo a ti por esposa,
ou aqui, pelo chão de Tênero⁶¹, serei sepultado no exílio!
Meu peito não foi tocado de leve pela ponta
da seta; minha ferida chegou até os ossos!⁶²
Isto para mim – com efeito o recorde – vaticinara a irmã verdadeira,
280 ocorrer que fosse traspassado por seta do céu⁶³.
Deixa de desprezar, Helena, um amor dado pelo destino –
assim, tenhas os deuses propícios a teus desejos!
Muito, decerto, se ocultas; mas, para falarmos mais abertamente,
recebe-me em teu leito ao silenciar a noite.
285 Acaso tens vergonha e temes desonrar Vênus conjugal⁶⁴
e trair as castas leis de um leito legítimo?
Ah, Helena simples em demasia, para não dizer ingênuas⁶⁵,
pensas que tal formosura pode eximir-se de culpa?
É preciso que mudes a formosura ou que sejas flexível;
290 é grande a desavença do pudor com a beleza.
Júpiter se alegra, Vênus de ouro se alegra com tais furtos;
tais furtos seguramente te deram Júpiter como pai⁶⁶.
A custo, se está na semente a natureza dos costumes,
tu, filha de Júpiter e de Leda, podes tornar-te casta.
295 Mas, quando fores de minha Troia, sejas casta
e apenas eu, por favor, seja os teus crimes⁶⁷
Cometamos agora os erros que o tempo conjugal vai corrigir,
se apenas Vênus me fez promessas não vãs!
Mas teu marido te leva a isso com atos, não com palavras,
300 e, para não se opor aos furtos do hóspede, se ausenta.
Não teve tempo melhor para visitar os reinos
de Creta⁶⁸ – oh homem de maravilhosa astúcia!
“A ti recomendo os deveres e, mulher, que

“curam pro nobis hospitis, uxor, agas.”
305 Neglegis absentis, testor, mandata mariti!
Cura tibi non est hospitis ulla tui.
Huncine tu speras hominem sine pectore dotes
posse satis formae, Tyndari, nosse tuae?
Falleris – ignorat; nec, si bona magna putaret,
310 quae tenet, externo crederet illa uiro.
Vt te nec mea uox nec te meus incitet ardor,
cogimur ipsius commoditate frui –
aut erimus stulti, sic ut superemus et ipsum,
si tam securum tempus abibit iners.
315 Paene suis ad te manibus deducit amantem;
utere mandantis simplicitate uiri!
Sola iaces uiduo tam longa nocte cubili;
in uiduo iaceo solus et ipse toro.
Te mihi meque tibi communia gaudia iungant;
320 candidior medio nox erit illa die.
Tunc ego iurabo quaeuis tibi numina meque
adstringam uerbis in sacra uestra meis;
tunc ego, si non est fallax fiducia nostra,
efficiam praesens, ut mea regna petas.
325 Si pudet et metuis ne me uideare secuta,
ipse reus sine te criminis huius ero;
nam sequar Aegidae factum fratrumque tuorum.
Exemplo tangi non propiore potes.
te rapuit Theseus, geminas Leucippidas illi;
330 quartus in exemplis adnumerabor ego.
Troia classis adest armis instructa uirisque;
iam facient celeres remus et aura uias.
Ibis Dardanias ingens regina per urbes,
teque nouam credet uulgius adesse deam,
335 quaque ferēs gressus, adolebunt cinnama flammae,
caesaque sanguineam uictima planget humum.
Dona pater fratresque et cum genetrice sorores
Iliadesque omnes totaque Troia dabit

cuides do hóspede em nosso lugar”, disse ao partir.
305 Negligencias, afirmo, as recomendações do marido ausente!
Não tens cuidado algum com teu hóspede.
Tu esperas que este homem insensível possa conhecer
bastante os dotes de tua beleza, ó filha de Tíndaro?
Tu te enganas: ele ignora e, se considerasse grandes bens
310 o que tem, não o confiaria a homem estrangeiro.
Mesmo que nem minha voz nem meu ardor te incitem,
somos levados a desfrutar da complacência dele:
ou seremos tolos, assim superando até ele mesmo,
se um tempo tão seguro passar em branco.
315 Quase te trouxe um amante por suas mãos;
aproveita a ingenuidade do marido que o recomenda!
Jazes sozinha em leito vazio numa noite tão longa;
também eu jazo sozinho em leito vazio.
Que prazeres partilhados te unam a mim e vice-versa;
320 aquela noite será mais luminosa que o meio-dia⁶⁹.
Então eu darei em juramento quaisquer Numes a ti e me
ligarei, por minhas palavras, a vossos ritos.
Então eu, se não for vã nossa confiança,
pessoalmente farei com que procures meus reinos.
325 Se tens vergonha e temes parecer seguir-me,
eu mesmo, sem ti, serei réu deste crime.
Seguirei o feito do filho de Egeu⁷⁰ e de teus irmãos;
não podes ser tocada por mais próximo exemplo.
Teseu raptou-te, aqueles as filhas gêmeas de Leucipo⁷¹;
330 serei contado em quarto lugar nesses exemplos.
Está presente a frota troiana, munida de armas e homens;
já a farão viajar rápido a remada e a brisa.
Irás, majestosa rainha, por cidades dardânicas,
e o povo pensará que nova deusa está presente em ti,
335 por onde lebares teus passos, chamas queimarão a canela,
e a vítima sacrificada se abaterá no chão sangrento.
Meu pai, os irmãos, as irmãs com minha mãe,
todas as troianas e Troia inteira darão presentes.

ei mihi! Pars a me uix dicitur ulla futuri.
340 Plura feres, quam quae littera nostra refert.
Nec tu rapta time, ne nos fera bella sequantur,
concitet et uires Graecia magna suas.
Tot prius abductis ecqua est repetita per arma?
Crede mihi, uanos res habet ista metus.
345 Nomine ceperunt Aquilonis Erechthida Thraces,
et tuta a bello Bistonis ora fuit;
Phasida puppe noua uexit Pagasaeus Iason,
laesa neque est Colcha Thessala terra manu.
Te quoque qui rapuit, rapuit Minoida Theseus;
350 nulla tamen Minos Cretas ad arma uocat.
Terror in his ipso maior solet esse periclo,
quaque timere libet, pertimuisse pudet.
Finge tamen, si uis, ingens consurgere bellum –
et mihi sunt uires, et mea tela nocent.
355 Nec minor est Asiae quam uestrae copia terrae;
illa uiris diues, diues abundat equis.
Nec plus Atrides animi Menelaus habebit
quam Paris aut armis antefendus erit.
Paene puer caesis abducta armenta recepi,
360 hostibus et causam nominis inde tuli;
paene puer iuuenes uario certamine uici,
in quibus Ilioneus Deiphobusque fuit;
neue putes, non me nisi comminus esse timendum,
figitur in iusso nostra sagitta loco.
365 Num potes haec illi primae dare facta iuuentae?
Instruere Atriden num potes arte mea?
Omnia si dederis, numquid dabis Hectora fratrem?
Vnus is innumeri militis instar erit!
Quid ualeam nescis, et te mea robora fallunt;
370 ignoras, cui sis nupta futura uiro.
Aut igitur nullo belli repetere tumultu,
aut cedent Marti Dorica castra meo.
Nec tamen indigner pro tanta sumere ferrum

Ai de mim! Mal refiro uma parte do porvir.
340 Terás mais do que nossa carta menciona⁷².
Não temas, raptada, que guerras cruéis nos persigam,
e que a grande Grécia levante suas forças.
Tantas raptadas antes, acaso alguma se buscou com armas?
Crê em mim, há aqui medos vãos.

345 Em nome de Aquilão os trácios arrebataram a filha de Erecteu,
e livre da guerra esteve o litoral bistônide⁷³.
Jasão de Págasa trouxe em nova popa a Fasiade,
e não foi atingida por tropa da Cólquida a terra tessálica⁷⁴.
Teseu, que também te raptou, raptou a filha de Minos;
350 mas Minos não chama os cretenses para guerra alguma⁷⁵.
Neste ponto, o terror costuma ultrapassar o próprio risco,
e envergonha ter temido muito onde é lícito temer.
Mas imagina, se queres, que enorme guerra se levanta –
também tenho forças, também ferem os meus dardos.

355 Nem é menor a riqueza da Ásia que a de vossa terra:
ela abunda repleta de homens, repleta de cavalos.
O Atrida Menelau não terá mais coragem
que Páris, nem há de avantajarse nas armas.
Quase menino, matando os inimigos, recuperei as manadas
360 que tomaram, e daí veio a causa de meu nome⁷⁶.
Quase menino, em variada disputa venci os jovens,
entre eles estando Ilioneu e Deífobo⁷⁷.
Nem julgues que eu não deva ser temido exceto de perto,
pois a seta atirada se prende no posto alvejado.

365 Acaso podes atribuir tais feitos da primeira juventude a ele?
Acaso podes prover o Atrida de minha habilidade?
Se lhe deres tudo, acaso darás o irmão Heitor?
Ele sozinho será como abundante soldado!
Não conheces meu vigor, e te enganam minhas forças;
370 ignoras com qual homem hás de casar-te.
Então, ou não serás reivindicada por tumulto bélico algum
ou cederá o dórico acampamento a meu Marte.
Mas não desdenharia pegar em armas por majestosa

coniuge. certamen praemia magna mouent.
375 Tu quoque, si de te totus contenderit orbis,
nomen ab aeterna posteritate feres
spe modo non timida dis hinc egressa secundis;
exige cum plena munera pacta fide.

esposa; grandes prêmios levam a competir.

375

Tu também, se o mundo inteiro⁷⁸ lutar por tua causa,
ganharás renome por eterna posteridade⁷⁹.

Apenas, partindo daqui com aprovação divina, com firme
esperança exige os dons com plena fidelidade prometidos.

XVII Helene Paridi

Si mihi quae legi, Pari, non legisse liceret,
seruarem numeros sicut et ante probae.
Nunc oculos tua cum uiolarit epistula nostros,
non rescribendi gloria uisa leuis.
5 Ausus es hospitii temeratis, aduena, sacris
legitimam nuptae sollicitare fidem!
Scilicet idcirco uentosa per aequora uectum
exceptit portu Taenaris ora suo,
nec tibi, diuersa quamuis e gente uenires,
10 oppositas habuit regia nostra fores,
esset ut officii merces iniuria tanti!
Qui sic intrabas, hospes an hostis eras?
Nec dubito, quin haec, cum sit tam iusta, uocetur
rustica iudicio nostra querela tuo.
15 Rustica sim sane, dum non oblita pudoris,
dumque tenor uitae sit sine labe meae.
Si non est ficto tristis mihi uultus in ore,
nec sedeo duris torua superciliis,
fama tamen clara est, et adhuc sine crimine uixi,
20 et laudem de me nullus adulter habet.
Quo magis admiror, quae sit fiducia coepti,
spemque tori dederit quae tibi causa mei.
An, quia uim nobis Neptunius attulit heros,

XVII Helena a Páris

Se a mim não fosse permitido, Páris, ler o que li,
como antes conservaria os deveres de mulher honesta⁸⁰.
Agora, como tua epístola feriu nossos olhos,
pareceu fútil a glória de não responder⁸¹.

5 Ousaste, estrangeiro, profanando a santidade da acolhida⁸²,
molestar a legítima fidelidade de uma esposa!⁸³
Então é para isto que, trazido em mares turbulentos,
recebeu-te a costa tenária⁸⁴ em seu porto,
e, embora viesses de um povo estrangeiro⁸⁵,

10 não fechou nosso palácio as portas sobre ti,
para que a ofensa fosse a paga de tamanho favor!
Ao entrares assim, hóspede ou inimigo eras?
E não duvido de que, sendo embora tão justa, esta nossa
queixa se diga "ingênua", como pensas⁸⁶.

15 Seja eu ingênua, contanto que sem esquecer do pudor,
e contanto que meu curso vital fique imaculado.
Se não tenho triste expressão no rosto adestrado,
nem me assento severa, franzindo o cenho,
contudo é ilustre meu renome, até aqui vivi sem erro,

20 e nenhum adúltero se louva por minha causa.
Por isso, mais me admiro de confiares na empresa,
e do motivo que te deu esperar o meu leito.
Acaso, como o herói Netúnio⁸⁷ nos fez violência,

rapta semel uideor bis quoque digna rapi?
25 Crimen erat nostrum, si delenita fuisset;
cum sim rapta, meum quid nisi nolle fuit?
Non tamen e factu fructum tulit ille petitum;
excepto redii passa timore nihil.
Oscula luctanti tantummodo pauca proteruus
30 abstulit; ulterius nil habet ille mei.
Quae tua nequitia est, non his contenta fuisset –
di melius! Similis non fuit ille tui.
Reddidit intactam, minuitque modestia crimen,
et iuuenem facti paenituisse patet;
35 Thesea paenituit, Paris ut succederet illi,
ne quando nomen non sit in ore meum?
Nec tamen irascor – quis enim succenset amanti? –
si modo, quem praefers, non simulatur amor.
Hoc quoque enim dubito – non quod fiducia desit,
40 aut mea sit facies non bene nota mihi;
sed quia credulitas damno solet esse puellis,
uerbaque dicuntur uestra carere fide.
At peccant aliae, matronaque rara pudica est.
Quis prohibet raris nomen inesse meum?
45 Nam mea quod uisa est tibi mater idonea, cuius
exemplo flecti me quoque posse putes,
matris in admissio falsa sub imagine lusae
error inest; pluma tectus adulter erat.
Nil ego, si peccem, possum nescisse, nec ullus
50 error qui facti crimen obumbret erit.
Illa bene errauit uitiumque auctore redemit.
felix in culpa quo Ioue dicar ego?
Sed genus et proauos et regia nomina iactas.
Clara satis domus haec nobilitate sua est.
55 Iuppiter ut soceri proauus taceatur et omne
Tantalidae Pelopis Tyndareique decus,
dat mihi Leda Iouem cygno decepta parentem,
quae falsam gremio credula fouit auem.

raptada uma vez, ainda pareço merecer novo rapto?⁸⁸
25 Seria nosso crime, se eu tivesse sido seduzida:
como fui raptada, o que devia exceto recusar-me?
Mas não obtive ele do feito o fruto desejado;
a não ser o medo, voltei sem nada sofrer.
Somente poucos beijos o atrevido roubou
30 de quem lutava: nada mais ele tem de mim.
Sendo tal tua malícia, não estaria satisfeita com isso.
Valham-me os deuses! Ele não foi como tu.
Devolveu-me intocada, o comedimento abrandou o crime,
e é claro que o jovem se arrependeu do feito;
35 Teseu ficou arrependido para suceder-lhe Páris,
para que jamais não esteja meu nome nas bocas?
Mas não me ire – quem, pois, censura um amante? –,
se, entretanto, não é fingido o amor que declaras⁸⁹.
Mas também disso duvido, não por faltar confiança,
40 ou porque minha beleza eu não conheça bem;
mas porque a credulidade costuma ser danosa às moças,
e por as palavras masculinas se dizerem faltas de crédito⁹⁰.
Mas as outras se divertem, e matrona pudica é raro⁹¹.
Quem veta meu nome incluir-se entre as raras?
45 Com efeito, quanto a minha mãe ter-te parecido apta,
julgando tu pelo exemplo que também posso ceder,
há erro sobre o delito de uma mãe enganada sob falsa
aparência; o adúltero estava coberto de plumas⁹².
Nada, se errar, posso ter ignorado, nem haverá
50 um erro que oculte o ato criminoso.
Ela errou bem e compensou a falha com seu autor.
Com que Júpiter serei eu dita feliz na culpa?
Mas gabas a estirpe, os ancestrais e os nomes dos reis.
Esta casa é bastante ilustre por sua nobreza.
55 Ainda que se omita Júpiter, trisavô do sogro⁹³, e toda
a honra de Pélope, filho de Tântalo⁹⁴, e de Tíndaro⁹⁵,
Leda, enganada por um cisne, dá-me Júpiter por pai,
ela que, crédula, falsa ave afagou no seio.

I nunc et Phrygiae late primordia gentis
60 cumque suo Priamum Laumedonte refer!
Quos ego suspicio; sed qui tibi gloria magna est
quintus, is a nostro nomine primus erit.
Sceptra tuae quamuis rear esse potentia terrae,
non tamen haec illis esse minora puto.
65 Si iam diuitiis locus hic numeroque uirorum
uincitur, at certe barbara terra tua est.
Munera tanta quidem promittit epistula diues
ut possint ipsas illa mouere deas;
sed si iam uellem fines transire pudoris,
70 tu melior culpa causa futurus eras.
Aut ego perpetuo famam sine labe tenebo,
aut ego te potius quam tua dona sequar;
utque ea non sperno, sic acceptissima semper
munera sunt, auctor quae pretiosa facit.
75 Plus multo est, quod amas, quod sum tibi causa laboris,
quod tam per longas spes tua uenit aquas.
Illa quoque, adposita quae nunc facis, inprobe, mensa,
quamuis experiar dissimulare, noto –
cum modo me spectas oculis, lasciuie, proteruis,
80 quos uix instantes lumina nostra ferunt,
et modo suspiras, modo pocula proxima nobis
sumis, quaque bibi, tu quoque parte bibis.
A, quotiens digitis, quotiens ego tecta notau
signa supercilio paene loquente dari!
85 Et saepe extimui ne uir meus illa uideret,
non satis occultis erubique notis!
Saepe uel exiguo uel nullo murmure dixi:
“nil pudet hunc.” nec uox haec mea falsa fuit.
Orbe quoque in mensae legi sub nomine nostro,
90 quod deducta mero littera fecit, AMO.
Credere me tamen hoc oculo renuente negau –
ei mihi, iam didici sic ego posse loqui!
His ego blanditiis, si peccatura fuissem,

Vai agora e muito as origens da estirpe frígia
60 e Príamo com seu Laomedonte menciona!⁹⁶
Eu deles suspeito; mas quem, em quinto lugar, é grande
glória para ti será, antes de nosso nome, o primeiro⁹⁷.
Embora eu pense que os cetros de tua terra são poderosos,
não julgo que estes sejam menores que aqueles.
65 Se agora este local é vencido em riquezas e em número
de homens, decerto tua terra é bárbara.
Promete dons tão grandes, decerto, a rica epístola
que eles poderiam impressionar as próprias deusas;
mas, se agora quisesse ultrapassar as barreiras do pudor,
70 tu serias causa melhor da culpa⁹⁸.
Ou mantereis para sempre minha fama inviolada,
ou seguirei antes a ti do que a teus presentes;
e, assim como não os desprezo, são sempre muito
gratos os dons que o doador torna preciosos.
75 É muito mais que ames, ser eu causa de esforço para ti,
vir por tão longínquas águas tua esperança⁹⁹.
Também aquilo, ímprobo, que agora fazes ao pôr-se a mesa,
embora eu tente dissimular, noto –
quando ora me observas, lascivo¹⁰⁰, com olhos atrevidos,
80 que a custo nossa visão tolera por sua insistência,
ora suspiras, ora taças próximas de nós
tomas e, na parte onde bebi, tu também bebes¹⁰¹.
Ah, quantas vezes, com os dedos, eu notei sinais secretos
serem dados, quantas quase falando a sobancelha!
85 Muitas vezes me apavorou que meu marido os visse¹⁰²,
e enrubesci pelos sinais não tão ocultos!¹⁰³
Amiúde eu disse, muito pouco ou nada murmurando:
“Não tem vergonha”. Falando isto não menti.
Também li no tampo da mesa, sob nosso nome,
90 o que escreveu letra traçada com vinho: “Amo”¹⁰⁴.
Mas neguei-me a crer, recusando-o este olho –
ai de mim, agora eu aprendi poder falar assim!
Se eu tivesse tido de errar por tais lisonjas, seria

flecterer; his poterant pectora nostra capi.
95 Est quoque, confiteor, facies tibi rara, potestque
uelle sub amplexus ire puella tuos;
altera uel potius felix sine crimine fiat,
quam cadat externo noster amore pudor.
Disce meo exemplo formosis posse carere;
100 est uirtus placitis abstinuisse bonis.
Quam multos credis iuuenes optare quod optas,
qui sapiant? Oculos an Paris unus habes?
Non tu plus cernis, sed plus temerarius audes;
nec tibi plus cordis, sed nimis oris, adest.
105 Tunc ego te uellem celeri uenisse carina,
cum mea uirginitas mille petita procis;
si te uidissem, primus de mille fuisses.
Iudicio ueniam uir dabit ipse meo.
Ad possessa uenis praeceptaque gaudia, serus;
110 spes tua lenta fuit; quod petis, alter habet.
Vt tamen optarem fieri tua Troica coniunx,
inuitam sic me nec Menelaus habet.
Desine molle, precor, uerbis conuellere pectus,
neue mihi, quam te dicis amare, noce;
115 sed sine quam tribuit sortem fortuna tueri,
nec spoliū nostri turpe pudoris aue!
At Venus hoc pacta est, et in altae uallibus Idae
tres tibi se nudas exhibuere deae,
unaque cum regnum, belli daret altera laudem,
120 "Tyndaridis coniunx," tertia dixit, "eris!"
Credere uix equidem caelestia corpora possum
arbitrio formam supposuisse tuo,
utque sit hoc uerum, certe pars altera ficta est,
iudicii pretium qua data dicor ego.
125 Non est tanta mihi fiducia corporis, ut me
maxima teste dea dona fuisse putem.
Contenta est oculis hominum mea forma probari;
laudatrix Venus est inuidiosa mihi.

seduzida; por elas nosso peito pudera ser capturado.
95 Tens também, confesso, rara beleza, e pode
uma moça desejar submeter-se a teu enlace.
Assim, antes uma outra seja feliz sem crime
que nosso pudor sucumba, por amor a estrangeiro.
Aprende, com meu exemplo, a poder privar-te da beleza;
100 existe valor em ter-se absterido dos bens que agradam.
Quantos jovens crês quererem o que queres,
embora prudentes? Ou só tu, Páris, tens olhos?¹⁰⁵
Tu não vês mais, contudo ousas mais impulsivamente;
e não tens mais espírito, mas descaramento demais¹⁰⁶.
105 Eu gostaria que tivesses vindo com quilha veloz
quando minha virgindade buscaram mil pretendentes¹⁰⁷;
se eu tivesse te visto, terias sido preferido a mil.
O próprio marido perdoará meu julgamento.
Chegas atrasado a alegrias tidas e já recebidas;
110 tua esperança tardou; o que buscas, um outro tem.
Mas, assim como escolheria tornar-me tua esposa
troiana, Menelau não me tem contrariada¹⁰⁸.
Cessa, peço, de abalar meu delicado peito com palavras,
nem prejudiques a mim, que dizes amar;
115 mas deixa-me honrar a sorte que a Fortuna¹⁰⁹ atribuiu,
nem desejes o torpe butim de nosso pudor!
Mas Vênus o acordou, e nos vales do alto Ida
três deusas se mostraram nuas a ti.
E, dando uma o reino, a outra a glória bélica,
120 a terceira disse: "Serás esposo da filha de Tíndaro!"
Decerto, mal posso crer que corpos divinos
submeteram a beleza a teu arbítrio¹¹⁰.
Embora isto seja verdade, seguramente a outra parte não é,
dizeres que fui dada como paga do julgamento.
125 Não tenho confiança tão grande em meu corpo que julgue
ter sido o maior presente, uma deusa testemunhando.
Minha beleza se contenta com ser aprovada por olhos humanos;
Vênus, elogiando, atrai inveja sobre mim.

Sed nihil infirmo; faueo quoque laudibus istis –
130 nam mea uox quare, quod cupit, esse neget?
Nec tu succense, nimium mihi creditus aegre;
tarda solet magnis rebus inesse fides.
Prima mea est igitur Veneri placuisse uoluptas;
proxima, me uisam praemia summa tibi,
135 nec te Palladios nec te Iunonis honores
auditis Helenae praeposuisse bonis.
Ergo ego sum uirtus, ego sum tibi nobile regnum!
Ferrea sim, si non hoc ego pectus amem.
Ferrea, crede mihi, non sum; sed amare repugno
140 illum, quem fieri uix puto posse meum.
Quid bibulum curuo proscindere litus aratro,
spemque sequi coner quam locus ipse negat?
Sum rudis ad Veneris furtum, nullaque fidelem –
di mihi sunt testes – lusimus arte uirum.
140 Nunc quoque, quod tacito mando mea uerba libello,
fungitur officio littera nostra nouo.
Felices, quibus usus adest! ego nescia rerum
difficilem culpae suspicor esse uiam.
Ipse malo metus est; iam nunc confundor, et omnes
150 in nostris oculos uultibus esse reor.
Nec reor hoc falso; sensi mala murmura uulgi,
et quasdam uoces rettulit Aethra mihi.
At tu dissimula, nisi si desistere mauis!
Sed cur desistas? Dissimulare potes.
155 Lude, sed occulte! Maior, non maxima, nobis
est data libertas, quod Menelaus abest.
Ille quidem procul est, ita re cogente, profectus;
magna fuit subitae iustaque causa uiae –
aut mihi sic uisum est. Ego, cum dubitaret an iret,
160 "quam primum," dixi, "fac rediturus eas!"
Omne laetatus dedit oscula, "res" que "domusque
et tibi sit curae Troicus hospes," ait.
Vix tenui risum, quem dum conpescere luctor,

Mas nada recuso; até anuo a tais elogios –
130 por que minha voz negaria aquilo que deseja ter?
E tu não te irrites, muito dificilmente crido por mim;
costuma tardar a confiança nas coisas importantes.
Então, meu primeiro prazer é ter agradado a Vênus;
o seguinte, que te pareci o maior prêmio,
135 e que nem as glórias de Palas nem as de Juno
preferiste aos bens de Helena, ouvidos.
Então, sou eu o valor, eu teu nobre reino!
Eu mesma seria de ferro, se não amasse este peito.
De ferro, crê em mim, não sou; mas resisto a amar
140 aquele que a custo julgo poder tornar-se meu.
Por que tentaria sulcar com curvo arado uma praia
areenta e insistir em esperar o que o próprio local recusa?
Sou inexperiente nos furtos de Vênus, e por arдил algum –
os deuses me são testemunhas – iludimos o marido fiel.
140 Agora mesmo, que confio minhas palavras à tácita carta,
nossa escritura cumpre inédita função.
Felizes os que têm experiência! Eu muito ignoro,
suspeito ser difícil o caminho da culpa.
O próprio medo é um mal; já agora me desconcerto e todos
150 os olhos penso estarem sobre nossa face.
E não o penso em vão; ouvi maus murmúrios do povo,
e Etra¹¹¹ contou a mim alguns boatos¹¹².
Mas finge tu, a não ser que prefiras desistir!
Mas por que desistirias? Podes fingir.
155 Brinca, mas em segredo! Deu-se a nós liberdade maior,
não absoluta, pois Menelau está ausente.
Decerto está longe, pois assim era forçoso, tendo partido;
importante e justa foi a causa da repentina jornada¹¹³ –
ou a mim pareceu dessa forma. Eu mesma, quando ele hesitava
160 se iria, disse: “Vai para voltar o quanto antes!”
Alegre com o agouro, beijou-me e disse: “Cuida
dos deveres, da casa e do hóspede troiano”.
A custo segurei o riso: ao lutar para contê-lo,

nil illi potui dicere praeter "erit."
165 Vela quidem Creten uentis dedit ille secundis;
sed tu non ideo cuncta licere puta!
Sic meus hinc uir abest ut me custodiat absens –
an nescis longas regibus esse manus?
Fama quoque est oneri; nam quo constantius ore
170 laudamur uestro, iustius ille timet.
Quae iuuat, ut nunc est, eadem mihi gloria damno est,
et melius famae uerba dedisse fuit.
Nec quod abest hic me tecum mirare relictam;
moribus et uitae credidit ille meae.
175 De facie metuit, uitae confidit, et illum
securum probitas, forma timere facit.
Tempora ne pereant ultro data praecipis, utque
simplicis utamur commoditate uiri.
Et libet et timeo, nec adhuc exacta uoluntas
180 est satis; in dubio pectora nostra labant.
Et uir abest nobis, et tu sine coniuge dormis,
inque uicem tua me, te mea forma capit;
et longae noctes, et iam sermone coimus,
et tu, me miseram! Blandus, et una domus.
185 Et peream, si non inuitant omnia culpam;
nescio quo tardor sed tamen ipsa metu!
Quod male persuades, utinam bene cogere posses!
Vi mea rusticitas excutienda fuit.
Utilis interdum est ipsis iniuria passis.
190 Sic certe felix esse coacta forem.
Dum nouus est, potius coepto pugnemus amor!
Flamma recens parua sparsa resedit aqua.
Certus in hospitibus non est amor; errat, ut ipsi,
cumque nihil speres firmius esse, fugit.
195 Hypsipyle testis, testis Minoia uirgo est,
in non exhibitis utraque lusa toris.
Tu quoque dilectam multos, infide, per annos
diceris Oenonen destituisse tuam.

nada pude dizer-lhe exceto: "Cuidarei".

165 Ele decerto deu velas para Creta, com ajuda dos ventos;
mas não julgues tu, por isso, tudo ser permitido!
Meu marido se ausenta daqui, mas ausente me guarda –
acaso ignoras que os reis têm longos braços?¹¹⁴
A fama também é um fardo; com efeito, quanto mais por vossa

170 boca somos elogiadas, com mais razão ele teme.
A mesma glória que agrada, ao menos agora, traz-me prejuízo,
e seria melhor ter enganado a fama.
Nem me admires, em sua ausência, deixada aqui contigo;
ele confiou nos costumes e em minha vida.

175 Teme pela formosura, confia na vida; torna-o seguro
minha honestidade; a beleza, temeroso.
Recomendas não perder o tempo livremente dado, e que
aproveitemos a permissividade do ingênuo marido.
Tanto me agrada quanto temo, e o desejo ainda não se burilou

180 bastante; nosso peito hesita em dúvida.
Tanto se ausenta meu marido quanto dormes sem esposa,
e, assim como a tua a mim, a minha beleza te seduz;
tanto são longas as noites quanto já nos unimos conversando;
tanto tu, pobre de mim! És gentil, quanto é única a casa.

185 E que eu morra, se tudo não convida à culpa;
não sei, porém, por qual medo eu própria sou retida!
O que incitas por mal, oxalá pudesses obrigar sem culpa!
Minha ingenuidade precisou ser abatida à força.
A ofensa, por vezes, é útil para os próprios sofredores.

190 Assim, decerto eu teria sido obrigada a ser feliz¹¹⁵.
Enquanto é novo, antes lutemos contra o amor iniciado!
Uma chama nova, borrifada com pouca água, apagou-se.
O amor dos hóspedes não é garantido; vaga como eles,
e, embora se espere que nada seja mais seguro, foge.

195 Hipsípila¹¹⁶ é testemunha, é testemunha a virgem Minoide¹¹⁷,
ambas foram iludidas por um leito não mostrado.
Ainda, ó infiel, dizem que abandonaste
tua Enone, amada por muitos anos¹¹⁸.

Nec tamen ipse negas; et nobis omnia de te
200 quaerere, si nescis, maxima cura fuit.
Adde, quod, ut cupias constans in amore manere,
non potes. Expediunt iam tua uela Phryges;
dum loqueris mecum, dum nox sperata paratur,
qui ferat in patriam, iam tibi uentus erit.
205 Cursibus in mediis nouitatis plena relinques
gaudia; cum uentis noster abibit amor.
An sequar, ut suades, laudataque Pergama uisam
pronurus et magni Laumedontis ero?
Non ita contemno uolucris praeconia famae,
210 ut probris terras inpleat illa meis.
Quid de me poterit Sparte, quid Achaia tota,
quid gentes aliae, quid tua Troia loqui?
Quid Priamus de me, Priami quid sentiet uxor,
totque tui fratres Dardanidesque nurus?
215 Tu quoque, qui poteris fore me sperare fidelem,
et non exemplis anxius esse tuis?
Quicumque Iliacos intrauerit aduena portus,
is tibi solliciti causa timoris erit.
Ipse mihi quotiens iratus "adultera!" Dices,
220 oblitus nostro crimen inesse tuum!
Delicti fies idem reprehensor et auctor.
Terra, precor, uultus obruat ante meos!
At fruar Iliacis opibus cultuque beato,
donaque promissis uberiora feram;
225 purpura nempe mihi pretiosaque texta dabuntur,
congestoque auri pondere diues ero!
Da ueniam fassae – non sunt tua munera tanti;
nescio quo tellus me tenet ipsa modo.
Quis mihi, si laedar, Phrygiis succurret in oris?
230 Vnde petam fratres, unde parentis opem?
Omnia Medae fallax promisit Iason –
pulsa est Aesonia num minus illa domo?
Non erat Aeetes, ad quem despecta rediret,

Contudo, tu próprio não negas; e tivemos, se desconheces,
200 o maior cuidado de perguntar tudo sobre ti.
Junta que, embora desejes permanecer constante no amor,
não podes. Os frígios já prepararam tuas velas¹¹⁹;
enquanto falas comigo, enquanto se apresta a noite esperada,
já terás o vento para levar à pátria.

205 Abandonarás em pleno curso prazeres cheios
de novidade; nosso amor partirá com os ventos.
Acaso eu te seguirei, como incitas, verei a gabada Pérgamo¹²⁰
e serei esposa do neto do grande Laomedonte?
Não desprezo a tal ponto a divulgação da fama voadora,
210 que ela encha as terras com minha desonra.
O que sobre mim Esparta, o que a Acaia inteira,
o que os povos aliados, o que tua Troia poderá falar?
O que Príamo de mim, o que pensará a esposa de Príamo,
e tantos irmãos teus e as noras dardânicas?

215 Tu também, como poderás esperar minha fidelidade,
e não estar preocupado por teus exemplos?
Qualquer estrangeiro que entrar nos portos de Ílio
será causa de ansioso temor para ti.
Quantas vezes tu próprio me dirás irado “adúltera!”,
220 esquecendo que teu crime está no nosso!
Tu mesmo serás repressor e causador do delito.
Antes, imploro, a terra encubra o meu rosto!
Mas aproveitarei as riquezas de Ílio e o alegre luxo,
e ganharei dons mais ricos que os prometidos;

225 decerto, a mim a púrpura e ricos tecidos se darão,
e serei opulenta com o acúmulo de ouro!
Perdoa a confissão – não valem tanto teus presentes;
minha própria terra, não sei como, me segura.
Quem, se eu for lesada, vai socorrer-me nas praias frígias?

230 Onde buscarei meus irmãos, onde a ajuda paterna?
Jasão mentiroso tudo prometeu a Medeia –
acaso ela foi menos expulsa da casa de Éson?¹²¹
Não havia Eetes a quem voltar se desprezada,

non Idyia parens Chalchiopeque soror.
 235 Tale nihil timeo – sed nec Medea timebat!
 Fallitur augurio spes bona saepe suo.
 Omnibus inuenies, quae nunc iactantur in alto,
 nauibus a portu lene fuisse fretum.
 Fax quoque me terret, quam se peperisse cruentam
 240 ante diem partus est tua uisa parens;
 et uatum timeo monitus, quos igne Pelasgo
 Ilion arsurum praemonuisse ferunt.
 Utque fauet Cytherea tibi, quia uicit habetque
 parta per arbitrium bina tropaea tuum,
 245 sic illas uereor, quae, si tua gloria uera est,
 iudice te causam non tenuere duae;
 nec dubito, quin, te si prosequar, arma parentur.
 Ibit per gladios, ei mihi! Noster amor.
 An fera Centauris indicere bella coegit
 250 Atracis Haemonios Hippodamia uiros –
 tu fore tam iusta lentum Menelaon in ira
 et geminos fratres Tyndareumque putas?
 Quod bene te iactes et fortia facta loquaris,
 a uerbis facies dissidet ista suis.
 255 Apta magis Veneri, quam sunt tua corpora Marti.
 bella gerant fortes, tu, Pari, semper ama!
 Hectors, quem laudas, pro te pugnare iubeto;
 militia est operis altera digna tuis.
 His ego, si saperem pauloque audacior essem,
 260 uterer; utetur, siqua puella sapit –
 aut ego deposito sapiam fortasse pudore
 et dabo cunctatas tempore uicta manus.
 Quod petis, ut furtim praesentes ista loquamur,
 scimus, quid captes conloquiumque uoces;
 265 sed nimium properas, et adhuc tua messis in herba est.
 Haec mora sit uoto forsitan amica tuo.
 Hactenus; arcanum furtiuae conscia mentis

nem a mãe Idia e a irmã Calcíope¹²².
235 Não temo nada assim – mas Medeia também não temia!
A boa esperança muitas vezes se engana com seu agouro.
Descobrirás, para todos os navios que agora padecem
em alto-mar, ter havido mar suave no porto.
Também me apavora a tocha que, sangrenta, sonhou
240 tua mãe dar à luz um dia antes do parto¹²³;
também temo os avisos dos adivinhos que dizem ter previsto
o incêndio futuro de Ílio, com a chama pelasga¹²⁴.
E, assim como Citereia¹²⁵ te favorece, pois venceu e tem
duplo troféu obtido por teu arbítrio,
245 temo aquelas, se tua glória é verdadeira,
que, em dupla, não ganharam a causa quando julgaste;
nem duvido de que, se eu te acompanhar, guerras se preparem.
Seguirá entre espadas, ai de mim! O nosso amor.
Acaso obrigou hemônios varões a declarar guerras
250 cruéis aos Centauros Hipodâmia de Átrax¹²⁶
e tu pensas que Menelau seria insensível em tão justa ira,
e com ele meus irmãos gêmeos¹²⁷ e Tíndaro?
Quanto a te vangloriares e contares bravos feitos,
essa face destoa de tuas palavras.
255 Teu corpo é mais apto a Vênus que a Marte¹²⁸.
Façam guerras os corajosos: tu, Páris, ama sempre!
Manda Heitor, que elogias, lutar em teu lugar;
outra milícia merece tuas proezas¹²⁹.
Eu mesma me serviria delas, se fosse astuta e um pouco
260 mais audaz; se alguma moça é astuta, que se sirva –
ou talvez, deixado o pudor, eu mesma o serei
e, vencida pelo tempo, tardiamente hei de render-me.
Quanto ao que pretendes, que disso falemos furtiva e pessoalmente,
sabemos o que cobiças e chamas de “conversa”;
265 mas te apressas demais, e tua colheita ainda está verde.
Talvez esta demora conspire por teu desejo.
É tudo; que a carta, confidente de meu furtivo pensamento,

littera iam lasso pollice sistat opus.

Cetera per socias Clymenen Aethramque loquamur,

270

quae mihi sunt comites consiliumque duae.

cesse seu ofício secreto: já se cansou a mão.

270 O restante falemos pelas companheiras Climene e Etra,
que me são, em dupla, companheiras e conselho.

Notas de fim

Sofia Morais Coelho

- ¹ Leda, a mãe de Helena, era filha do rei da Etólia, Téstio. Kenney aponta como a identificação dos parentescos alude às consequências futuras da carta, a Guerra de Troia; Rosati também destaca que as referências aos eventos futuros por meio da ironia são uma característica marcante nas *Heroides*, como vai ser possível notar que se repete ao longo da carta. Mais menções ao parentesco de Helena também serão feitas. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011. OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996. ROSATI. *Introduzione*, 1989.
- ² A imagem do fogo do amor e de se queimar com ele é comum no gênero da elegia erótica romana, e muito recorrente nessa carta. Vemos isso também, por exemplo, em Tibulo, um dos poetas que compôs versos elegíacos, II, 4, 3-6: “*Seruitium sed triste datur, teneorque catenis,/ et numquam misero uincla remittit Amor;/ et, seu quid merui seu quid peccauimus, urit;/ uror, io! Remoue, saeua puella, faces.*” – “Mais: sofro em duro jugo a vida acorrentado/ e nunca folga Amor grillhões a um mísero/e, ou porque mereci ou porque errei, me queima./ Ai! Queimo! Afasta, moça atroz, o archote”; e I, 9, 19-22: “*Diuitiis captus siquis uiolauit amorem,/ asperaque est illi difficilisque Venus./Vre meum potius flamma caput et pete ferro/corpus et intorto uerbere terga seca.*” – “Por riquezas cegado, se alguém violou/o amor, seja-lhe hostil e altiva Vênus./ Antes, com fogo marca-me, com ferro fere-me,/ com curvo látego meu dorso açoita.” ALVES. *Elegias de Tibulo*: tradução e comentário, p. 50-56. Tradução de João Paulo Matedi Alves.
- ³ Vênus é a mãe do Cupido ou Amor. Na mitologia grega, Eros e Anteros eram irmãos, filhos de Vênus; Eros teria nascido primeiro, tendo Vênus dado Anteros como irmão para que Eros crescesse, uma vez que continuava criança. O primeiro designava o amor, e o segundo o *contra-amor*, ou *amor por amor*. O nome Cupido, em latim, tem ideia do amor violento; entretanto, na mitologia latina, atribui-se ao Cupido origem semelhante a do deus grego Eros. Há variações acerca da genealogia de Eros, e Cupido geralmente é descrito como filho de Vênus e Marte. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁴ Citereia é um epíteto para Vênus, originado da ilha de Citera, na Grécia, onde havia templos em sua homenagem. Em uma das versões do nascimento de Vênus, o deus Saturno, em vingança ao pai, o deus Céu, teria cortado os órgãos sexuais deste que, caídos no mar, misturaram-se com a espuma e geraram Vênus. A deusa teria passado pela ilha de Citera antes de ir para a ilha de Chipre. Na *Teogonia*, de Hesíodo, v. 190-198: “[...] ao redor branca/ espuma da imortal carne ejaculava-se, dela/ uma virgem criou-se. Primeiro Citera divina/ atingiu, depois foi à circunfluída Chipre/ e saiu veneranda bela Deusa [...] Deusa nascida de espuma e bem-coroadada Citereia/ apelidam homens e Deuses, porque da espuma/ criou-se e Citereia porque tocou Citera [...]”. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005. HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*, v. 190-198. Tradução de Jaa Torrano.

- ⁵ “Litoral Sigeu” é uma sinédoque (uso de uma parte para indicar o todo) para litoral troiano. A cidade de Sigeu se localizava na costa noroeste do mar Egeu em Troia, e era famosa na Antiguidade por ser o local do túmulo de Aquiles e Pátroclo. OVID. *Heroides* XVI-XXI, 1996.
- ⁶ Férecló foi o troiano que construiu a nau usada por Páris para ir até Esparta. Kenney aponta também a ironia desse uso de vocabulário, já que os navios feitos por Férecló trouxeram desgraça a todos os troianos, a Páris e até a ele próprio. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005. OVID. *Heroides* XVI-XXI, 1996.
- ⁷ Ver *supra* nota 4.
- ⁸ “Terra Tenária” é uma sinédoque (uso de uma parte para indicar o todo) para Esparta. William Smith aponta que esse nome teria vindo de Tênaro, filho ou de Júpiter ou de Icário, irmão de Tindaro, ou de Élato. A área era uma península conectada ao grande promontório de Lacedemônia. OVID. *Heroides* XVI-XXI, 1996. SMITH. *Dictionary of Greek and Roman Geography, Illustrated by Numerous Engravings on Wood*, 1854. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011.
- ⁹ Kenney indica o anacronismo presente no verso, a respeito do turismo das cidades gregas – algo que jovens romanos de boa família, como o próprio Ovídio, faziam. OVID. *Heroides* XVI-XXI, 1996.
- ¹⁰ O amor retratado como uma ferida – recorrente ao longo da carta de Páris – ou uma doença física ou mental é um dos *tópoi* do gênero. Vemos também em Propércio, outro poeta elegíaco, em I, 1, 26: “*Quaerite non sani pectoris auxilia*” – “Procurem remédios para um coração doente”; e em I, 13, 19-20: “*Non ego complexus potui diducere uestros:/ tantus erat demens inter utrosque furor.*” – “Eu não pude separar vossos abraços:/ tamanho era o furor insano entre um e outro”. O segundo representa a patologia mental, na qual *furor* é o vocábulo geralmente utilizado. CORDEIRO. *Tópoi elegíacos nas Heroides de Ovídio*, p. 31-32. Tradução de Wilker Pinheiro Cordeiro.
- ¹¹ O sonho profético descrito é da rainha Hécuba de Troia, mãe de Páris.
- ¹² Hécuba teria sonhado, enquanto grávida de Páris, que deu à luz uma tocha que incendiava Ílio. Os adivinhos que Príamo consulta revelam que Páris traria a ruína à cidade (aqui com uma variação do mito, em que os adivinhos teriam avisado apenas que seria uma criança nascida em determinado dia); entretanto, a mando de Hécuba, Páris é exposto no monte Ida em vez de ser morto. Ele volta a Troia já depois de crescido, durante os jogos fúnebres realizados em sua própria homenagem, revelando sua identidade. Príamo se alegra com o reencontro, e dá a Páris seu lugar de direito na casa real. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ¹³ As chamadas da predição referem-se ao incêndio ateadado em Troia, no final da guerra, pelos gregos. Entretanto, Páris, cego de amor, inverte o significado, interpretando esse fogo como a chama amorosa. Essa interpretação que leva tudo pelo viés amoroso é tipicamente elegíaca: “[...] o poeta é um monomaniaco do amor e reduz tudo a sua paixão, com frequência por um viés inesperado; esse Dom Quixote que julga que todos os moinhos de vento são Vênus tem uma irregular como Dulcineia e parece mais desejoso de exibir sua monomania do que guardar seus pensamentos para sua amante”. Ao longo da carta, sempre que menciona a profecia, Páris insiste nessa interpretação amorosa. VEYNE. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia, o Ocidente*, p. 70.
- ¹⁴ Dardânia é Troia. O nome se origina de Dárdano, nascido na Arcádia e filho de Júpiter com Electra, uma das Plêiades. As Plêiades eram as sete filhas de Atlas com Plêione. Dárdano foi para a Frígia após a morte do irmão Iásion e casou-se com a filha do rei Teucro, Batieia. Construiu uma cidade ao pé do monte Ida, à qual deu seu nome; essa cidade veio a ser Troia. OVID. *Heroides* XVI-XXI, 1996. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ¹⁵ Nessa passagem refere-se a Mercúrio, filho de Júpiter e Maia, a Plêiade mais jovem (ver *supra* nota 14). Mercúrio era mensageiro dos deuses, particularmente de Júpiter; em suas representações, tinha asas em seu capacete, por vezes também nos pés. Como negociador dos deuses, carrega o caduceu: bastão mágico ou divino entrelaçado por duas serpentes formando um arco na parte superior e com duas asas. Esse bastão é o símbolo da paz. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011.
- ¹⁶ O caduceu. Ver *supra* nota 15.
- ¹⁷ Episódio que originou a Guerra de Troia. A deusa Discórdia perturbava incessantemente os habitantes do Olimpo, indispondo-os entre si. Por isso, Júpiter a expulsou do céu, e foi a única a não ser convidada para as núpcias da deusa marinha Tétis e do mortal Peleu. Então, durante as núpcias, Discórdia teria lançado uma maçã de ouro entre os deuses para ser dada à mais bela das deusas, gerando a disputa

entre Vênus, Juno e Minerva. Uma vez que ninguém quis ser juiz, Mercúrio, a mando de Júpiter, conduziu as três deusas ao monte Ida para que Páris decidisse. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011.

¹⁸ Ver *supra* nota 17. O “certame das deusas” também é conhecido como o julgamento de Páris. Apesar do medo, Mercúrio persuade Páris a ser o juiz, para isso anunciando as ordens de Júpiter. Para que fosse escolhida, cada uma das deusas oferece algo em troca a Páris: Juno, o domínio de toda a Ásia; Minerva, sabedoria e vitória nos combates; Vênus, entretanto, oferece o amor de Helena, e Páris a declara vencedora. Ressentidas por terem perdido, Juno e Minerva juram vingança aos troianos. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011.

¹⁹ É interessante notar o emprego da linguagem jurídica. Na retórica, os antigos consideravam três os gêneros oratórios: judiciário, deliberativo e epidítico. No primeiro, o discurso deve acusar ou defender, tendo como ouvintes os juízes. No caso, as três deusas defendem suas causas individuais para o juiz, Páris. O uso da retórica nessa parte não é único no que se refere à carta XVI ou às demais *Heroides*. REBOUL. *Introdução à retórica*, 2004.

²⁰ Ver *supra* nota 12.

²¹ Enone era uma ninfa do Ida por quem Páris se apaixonou na juventude, mas foi abandonada por este após o julgamento, quando Vênus lhe prometeu Helena como recompensa. A carta V das *Heroides* (*Oenone Paridi*) traz o lamento de Enone pelo abandono. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.

²² Helena era filha de Júpiter com Leda, mas seu pai humano era Tíndaro. Tíndaro era filho do rei espartano, Ébalo, e de Górgofone. Hipocoonte, seu irmão, disputou a coroa com Tíndaro, que era o sucessor natural, além de o expulsar de Esparta. Tíndaro foi para Cálidon, na Etólia, onde se casou com Leda, filha do rei Téstio. Tíndaro voltou a Esparta graças a Hércules, que derrotou Hipocoonte e seus filhos e devolveu o trono a Tíndaro. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011.

²³ O autor Lucrécio, em sua obra *De Rerum Natura*, fala sobre o perigo da reincidência de imagens do ser amado por quem ama, IV, 1061-1072: “*Nam si abest quod ames, praesto simulacra tamen sunt/ illius et nomen Dulce obuersatur ad auris./ Sed fugitare decet simulacra et pabula amoris/ abstertere sibi atque alio conuertere mentem/ et iacere umorem coniectum in corpora quaeque/ nec retinere semel conuersum unius amore/ et seruare sibi curam certumque dolorem;/ ulcus enim uiuescit et inueterascit alendo/ inque dies gliscit furor atque aerumna grauescit,/ si non prima nouis conturbes uolnera plagis/ uolgiuagaque uagus Venere ante recentia cures/ aut alio possis animi traducere motus*” – “Realmente, se está ausente aquilo que se ama, logo vêm perto de nós as suas imagens, logo o seu doce nome ressoa de contínuo aos nossos ouvidos. Mas vêm fugir a essas imagens, afastar de si os alimentos do amor, pensar em outras coisas e lançar num corpo qualquer o líquido coligido: não devemos retê-lo, convertê-lo a um único amor e preparar para si próprio um cuidado e uma dor certa. Porque a ferida se fortalece e se torna inveterada se a alimentarmos. De dia para dia, cresce o furor e se torna mais pesada a pena, se não se apagam com feridas novas os golpes antigos, se, variando, não se confiam ainda recentes à Vênus vagabunda ou se não se podem transferir a outro objeto os movimentos do espírito”. TITO LUCRÉCIO CARO. *Da Natureza*, p. 144-145. Tradução de Agostinho da Silva.

²⁴ Um dos picos do monte Ida. OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996.

²⁵ Ver *supra* nota 3. Cupido, quando nasceu, foi escondido nos bosques por Vênus, uma vez que Júpiter previra as perturbações que ele causaria e obrigou Vênus a se desfazer do filho. Cupido se alimentou do leite de animais selvagens, e assim que capaz de manejar o arco, construiu um com freixo e cipreste para as flechas, que usava para treinar nos animais. Depois, foram trocados por um arco e aljava de ouro, as flechas muitas vezes estando em chamas em suas representações. Nestas, a fisionomia de Cupido costuma ser a de uma criança de sete a oito anos, às vezes portando uma tocha acesa além do arco e flechas, ou usando capacete e lança. Usa também uma coroa de rosas, o emblema dos prazeres. Muitas representações trazem Cupido junto da mãe Vênus, que está a tocar ou brincar com ele ou a apertá-lo ternamente contra o coração. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011.

²⁶ Cassandra tinha o dom da profecia, mas era desacreditada quando revelava um presságio – castigo de Febo, em uma das variadas versões de como obteve o dom, por tê-lo rejeitado depois que esse lhe

- ensinou a arte da adivinhação. Há também uma variação do mito em que é Cassandra quem primeiro reconhece Páris quando ele volta a Troia. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ²⁷ Ver *supra* nota 13. Novamente, Páris interpreta o incêndio que destruirá Troia como a chama do amor.
- ²⁸ Ébalo era o antigo rei de Esparta, avô paterno de Helena, ou seja, pai de Tíndaro. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011.
- ²⁹ O marido de Helena, Menelau, rei de Esparta.
- ³⁰ Ver *supra* nota 9. O turismo que Páris anteriormente nega fazer é, evidentemente, a razão que deu a Menelau pela visita, e por isso este leva Páris para ver toda a Lacedemônia (cuja capital era Esparta). OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996.
- ³¹ Teseu teria vivido uma geração antes da Guerra de Troia. Na versão mais comum do mito, embora Helena não tivesse ainda idade para se casar, ele a teria raptado quando ela executava uma dança ritual no templo de Diana. Esse rapto é, de acordo com Grimal, ignorado por Homero. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ³² Jardé destaca a importância da questão militar para os espartanos. Assim, com uma educação fortemente voltada para os exercícios físicos (corrida, salto, lançamento de discos e dardos), as crianças também eram acostumadas a suportar, entre outras coisas como fome e cansaço, o frio e o calor, usando roupas leves independente do clima. As meninas recebiam educação semelhante aos meninos, com os mesmos exercícios físicos. Havia, anualmente, uma cerimônia que servia como prova de resistência à dor para os meninos, chicoteando-os diante do altar de Ártemis Órthia. Essa cerimônia, em princípio, tinha significado religioso. Kenney aponta também que foi atestado por Tucídides que realizar exercícios físicos sem roupas foi algo estabelecido pelos espartanos. JARDÉ. *A Grécia antiga e a vida grega: geografia, história, literatura, artes, religião, vida pública e privada*, 1997. OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996.
- ³³ Depois do rapto, os habitantes de Atenas não aceitaram receber Helena, então Teseu a levou para a cidade de Afidnas. Cástor e Pólux, os irmãos de Helena, também conhecidos como Dióscuros, foram os responsáveis pelo seu resgate: enquanto Teseu se encontrava nos Infernos para resgatar Perséfone, os Dióscuros invadiram e tomaram Afidnas e trouxeram Helena de volta para Esparta. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ³⁴ A imagem do amor que durará a vida toda, até a morte do amante, também tem outros exemplos na elegia, como na obra do autor Tibulo, I, 1, 59-60: “*Te spectem, suprema mihi cum uenerit hora, / te teneam moriens deficiente manu.*” – “Que eu te veja ao chegar a minha extrema hora;/que eu te prenda, morrendo, com mão trêmula”. ALVES. *Elegias de Tibulo*: tradução e comentário, p. 39. Tradução de João Paulo Matedi Alves.
- ³⁵ Plêione era casada com Atlas, e gerou as Plêiades. É da união de uma delas, Electra, com Júpiter que descende a linhagem de Páris por parte do pai, Príamo. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ³⁶ Os “avós do meio”, de acordo com Anne Mahoney, são todos os ancestrais que compõem a linhagem até chegar a Páris. Eles são, em ordem, Dárdano (ver *supra* nota 14), Ericetônio, Trós, Ilo II, Laomedonte e Príamo. P. OVIDIUS NASO. *The Epistles of Ovid*, 1813. Tradução de Anne Mahoney.
- ³⁷ Febo e Netuno foram castigados por Júpiter por terem conspirado contra ele. Obrigados a servir um mortal, o rei Laomedonte, construíram as muralhas de Ílio. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ³⁸ Acaia é a Grécia. OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996.
- ³⁹ Os espartanos, a única classe entre as três em Esparta possuidora de todos os direitos dos cidadãos, deviam dedicar-se inteiramente ao Estado, seja preparando-se para a guerra ou cuidando dos negócios públicos, além de lhes ser proibido exercer uma profissão ou voltar-se para o comércio ou agricultura. Jardé também aponta que a constituição espartana, militarista e aristocrática, era conhecida por ser imutável. Organizada dessa forma no século IX a.C., em suas origens, Esparta precisava ser preponderante pela força, por estarem acampados entre populações numericamente superiores. JARDÉ. *A Grécia antiga e a vida grega: geografia, história, literatura, artes, religião, vida pública e privada*, 1977.
- ⁴⁰ Um dos *tópoi* do gênero da elegia é o do *diues amator* (“amante rico”), rival do poeta que se esforça para enriquecer, representando o contrário dos ideais elegíacos; estes pregam uma vida de *otium* e

o distanciamento da vida política e militar para haver dedicação à escrita de poesia. É interessante notar que, ao longo da carta, Páris tenta inverter esse *tópos*, usando várias vezes suas riquezas como argumento para persuadir Helena, tornando-se ele próprio o *diues amator*. Além disso, a exaltação da própria linhagem faz parte do gênero épico, ao qual Páris e Helena pertencem originalmente. FEDELI. *La poesia latina: Forme, autori, problemi*, 1991.

- ⁴³ Terapna, em Esparta, era o local de nascimento de Helena e seus irmãos, Cástor e Pólux. Kenney mostra que, apesar da implicação de uma garota nascida na área rural dever pensar duas vezes antes de rejeitar um príncipe troiano, é possível, no trecho, identificar ainda um anacronismo na defensiva de Páris. Isso porque, na era clássica, os frígios eram objeto de escárnio – Páris e Helena, entretanto, seriam da época arcaica. OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996.
- ⁴² Há a alusão ao personagem mítico Ganimedes. Na linhagem, ele era filho de Trós, o trisavô de Páris, e irmão de Ilo II (ver *supra* nota 36). Por conta da beleza de Ganimedes, Júpiter quis que ele fosse seu copeiro. Então, quando Ganimedes caçava no monte Ida, Júpiter se metamorfoseou em uma águia para raptá-lo e o levou para o Olimpo (essa é a versão preferida por Ovídio, como Kenney aponta, baseando-se em outra obra do autor, *Metamorphoseon Libri*). Há outra versão em que Júpiter envia sua águia para a missão). Assim, Ganimedes substituiu a função da deusa Juventas de servir néctar nas taças dos deuses. A mistura de água com a bebida parece se dar pelo fato de que, na Antiguidade, o vinho era bebido diluído na água. OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011.
- ⁴³ Aurora, pertencente à geração dos Titãs, teria raptado Titono, filho de Ilo e de Plácia (ou Leucipe); em algumas versões, ele era filho do avô de Páris, Laomedonte, com Estrimo. Titono fora o último dos amantes de Aurora. P. OVIDIUS NASO. *The Epistles of Ovid*, 1813. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁴⁴ União da qual nasceu Eneias. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁴⁵ Atreu era pai de Menelau, filho de Pélope com Hipodâmia e neto de Tântalo. Entretanto, em algumas versões, Menelau não era seu filho e, sim, neto, e teria sido acolhido pelo avô após a morte do jovem filho de Atreu, Plístenes. Atreu teria disputado com o irmão Tiestes quem seria o rei de Micenas e, depois de ter perdido por causa da traição da esposa, Atreu propõe, guiado por Júpiter, que o cargo seja seu caso o Sol mude seu curso. Tiestes aceita e o Sol, ao contrário do habitual, se põe no Oriente, então Atreu assume o trono e expulsa Tiestes do reino. Entretanto, depois de descobrir a sabotagem da esposa e do irmão, Atreu prepara um banquete com o pretexto de reconciliação, e em segredo mata e cozinha os três filhos de Tiestes para serem servidos ao pai. Depois da refeição, Atreu mostra as cabeças das crianças e revela o que tinha feito, e é dito que o Sol se escondeu para não iluminar ação tão bárbara. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011.
- ⁴⁶ Hipodâmia e Pélope eram os pais de Atreu e avós de Menelau. Enómao, pai de Hipodâmia, não queria casar a filha. Por isso, os pretendentes deveriam competir com ele em uma corrida de cavalos, carregando a jovem no próprio carro, e todos que perdiam tinham a cabeça cortada por Enómao. Entretanto, Pélope, ao disputar, teve a ajuda do cocheiro de Enómao, Mírtilo: ele sabotou o amo, substituindo as cavilhas das rodas de seu carro por cavilhas de cera, que cederam durante a corrida, levando à sua morte. Após essa vitória, Mírtilo também foi morto por Pélope ao ser jogado no mar. Foi assim que Pélope assassinou seu sogro e Mírtilo, dando a origem do nome do mar de Mirto. OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁴⁷ Tântalo era trisavô de Menelau: pai de Pélope, que por sua vez era pai de Atreu (ver *supra* nota 45); Atreu, em vez de pai de Menelau, por vezes também era atribuído como avô que o criou). Aqui, refere-se ao famoso castigo de Tântalo que, eternamente com fome e sede, ficaria mergulhado em água até o pescoço e com um ramo de frutos logo acima de sua cabeça. Entretanto, sempre que tentava beber ou comer, a água fugia e o ramo erguia-se para fora do seu alcance. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁴⁸ Essa queixa de Páris, lamentando a amada passar as noites nos braços de outro, é frequente na elegia. Kenney relaciona esse trecho com o *tópos* elegiaco do *exclusus amator*, em que o amante se queixa diante da porta fechada da *puella*. No contexto da carta de Páris, Kenney aponta que o tormento é maior por estar sob o mesmo teto do inatingível objeto de amor. Um exemplo desse *tópos*

encontra-se em outra obra de Ovídio, *Amores*, no primeiro livro, I, 4, 59-66: “*Me miserum! Monui, paucas quod prosit in horas;/ separar a domina nocte iubente mea./ Nocte uir includet, lacrimis ego maestus abortis,/ qua licet, ad saeuas prosequar usque fores./ Oscula iam sumet, iam non tantum oscula sumet;/ quod mihi das furtim, iure coacta dabis./ Verum inuita dato – potes hoc – similisque coactae;/ blanditiae taceant, sitque maligna Venus.*” – “Ai de mim! Aconselhei o que seria útil em poucas horas;/ por mando da noite sou separado da minha senhora./ À noite o marido te fechará; eu, triste, surgidas as lágrimas,/ seguirei para as portas cruéis, até onde é lícito./ Então o marido tomará beijos, depois não apenas beijos:/ o que para mim dá furtivamente, por direito darás obrigada./ Contudo, dá forçada – podes isto – e de modo semelhante à obrigada;/ que sejam quietas as carícias, e que Vênus esteja fraca”. Todos os trechos em latim dos *Amores* de Ovídio usados nas notas foram retirados da Loeb Classical Library. OVID. *Heroides XVI-XXI*, p. 110. OVID. *Heroides; Amores*, 1914. Tradução de Sofia Morais.

⁴⁹ A situação do banquete é também comum na elegia. Vemos, por exemplo, em *Amores*, de Ovídio, o marido da amada estar presente no banquete, I, 4, 1-2: “*Vir tuus est epulas nobis aditurus eadem/ ultima coena tuo sit, precor, illa uiro!*” – “Teu marido irá conosco ao mesmo banquete/seja aquele jantar, peço, o último do teu marido!”. Temos também na *Ars Amatoria* (“Arte de amar”), ainda de Ovídio, em que o autor aponta o banquete como um lugar propício para buscar o amor, I, 229-244: “*Dant etiam positis aditum conuiuia mensis;/ est aliquid praeter uina, quod inde petas./ Saepe illic positi teneris adducta lacertis/ purpureus Bacchi cornua pressit Amor;/ uinaque cum bibulas sparsere Cupidinis alas,/ permanet et capto stat grauir ille loco./ Ille quidem pennas uelociter excutit udas;/ sed tamen et spargi pectus amore nocet./ Vina parant animos faciuntque caloribus aptos:/ cura fugit multo diluiturque mero./ Tunc ueniunt risus, tum pauper cornua sumit,/ tum dolor et curae rugaque frontis abit./ Tunc aperit mentes aeuo rarissima nostro/simplicitas, artes excutiente deo./ Illic saepe animos iuuenum rapuere puellae,/ et Venus in uinis ignis in igne fuit.*” – “Propiciam também os banquetes encontros, nas mesas postas;/ há algo além dos vinhos que ali procures./ Lá muitas vezes, com tenros braços, os cornos/ de Baco estendido róseo Amor puxou com força./ E quando os vinhos molharam as asas do Cupido, impregnadas,/ ele permanece e continua no lugar tomado./ Na verdade, agita velozmente as penas molhadas;/ mas ser respingado pelo Amor também prejudica o peito./ Os vinhos preparam e fazem os ânimos aptos aos amores ardentes:/ o cuidado foge e é diluído em muito vinho./ Naquele momento nascem os risos, então o pobre toma coragem,/ depois desaparecem a dor e as preocupações e a ruga da frente./ Então a franqueza, raríssima em nosso tempo, abre as mentes,/ o deus expulsando os artifícios./ Lá, muitas vezes, aos ânimos dos jovens as meninas arrebataram,/ e Vênus no vinho foi chama na chama”. Todos os trechos em latim de *Ars Amatoria* foram retirados do *site Perseus Project*. OVID. *Heroides; Amores*, 1914. P. OVIDIUS NASO. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris*, 1907. Available at: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0068%3Atext%3DArs>. Access on: 20 Jun. 2022. Tradução de Sofia Morais.

⁵⁰ Ver *supra* nota 49. Ovídio, *Ars Amatoria*, I, 244: “*Et Venus in uinis ignis in igne fuit.*” – “E Vênus no vinho foi chama na chama”. P. OVIDIUS NASO. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris*, 1907. Tradução de Sofia Morais.

⁵¹ É interessante notar uma outra possível ligação com a *Ars Amatoria*, de Ovídio, I, 659-662: “*Et lacrimae prosunt: lacrimis adamanta mouebis;/ fac medidas uideat, si potes, illa genas./ Si lacrimae (neque enim ueniunt in tempore semper)/ deficient, uda lumina tange manu.*” – “Lágrimas também são eficazes: com lágrimas moverás o diamante;/ se podes, faz com que aquela veja as faces molhadas./ Se faltarem lágrimas (pois nem sempre vêm em tempo),/ toca os olhos com a mão molhada”. P. OVIDIUS NASO. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris*, 1907. Tradução de Sofia Morais.

⁵² Kenney indica que Páris teria seguido os conselhos de Ovídio contidos em *Ars Amatoria*, I, 597-600: “*Ebrietas ut uera nocet, sic ficta iuuabit;/ fac titubet blaeso subdola lingua sono,/ ut, quicquid facias dicasue proteruius aequo,/ credatur nimium causa fuisse merum.*” – “A embriaguez, quando verdadeira, prejudica; assim, fingida, será útil;/ faz com que a língua astuciosa balbucie palavras gaguejadas/ para que, qualquer coisa mais atrevida que faças ou digas,/ julguem a causa ter sido o vinho excessivo”. OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996. P. OVIDIUS NASO. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei*

Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris, 1907. Tradução de Sofia Morais.

- ⁵³ Júpiter, que desejava Leda, tomou a forma de um cisne para se unir a ela amorosamente. Assim, Helena teria nascido de um ovo que sua mãe botara; em outra versão, Leda teria botado dois ovos, tendo Helena e Pólux saído de um e Clitemnestra e Cástor de outro. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁵⁴ Única filha de Menelau e Helena. Teria nove anos quando ocorre o rapto, de acordo com os mitógrafos. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁵⁵ Climene e Etra eram as amas de Helena. São elas que, no canto III da *Íliada*, a acompanham para as Portas Esqueias de Troia. OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996.
- ⁵⁶ Depois de Hesíodo, a versão do mito que define Atalanta como filha de Esqueneu passou a ser a mais difundida, mas não é única. Sendo muito veloz, Atalanta teria anunciado, por não querer se casar, que só o faria se o pretendente a vencesse na corrida, e matava os que ultrapassavam. Hipômenes teria conseguido vencer ao lançar três maçãs de ouro, presenteadas por Vênus, quando estava na dianteira, fazendo com que Atalanta se atrasasse ao apanhá-las. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁵⁷ Ver *supra* nota 46.
- ⁵⁸ Hércules, na sua ida aos Infernos para realizar o décimo primeiro trabalho, conheceu Meleagro, irmão de Dejanira, que teria pedido que a desposasse. Entretanto, ao chegar à corte do rei Eneu, teve de combater com o deus-rio Aqueloo, que já a tinha pedido em casamento. Tendo o dom da metamorfose, Aqueloo transformou-se em touro durante a batalha, mas se rendeu ao ter seu chifre arrancado por Hércules. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁵⁹ Os Dióscuros Cástor e Pólux, irmãos de Helena. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁶⁰ Ver *supra* nota 5.
- ⁶¹ Ver *supra* nota 8.
- ⁶² Ver *supra* nota 10. Outro exemplo dessa ferida do amor encontra-se em *Amores*, de Ovídio, I, 2, 29-30: “*Iipse ego, praeda recens, factum modo uulnus habebō/ et noua captiua uincula mente feram.*” – “Eu próprio, presa recente, terei ferida ainda há pouco feita/ e suportarei as novas amarras com o espírito cativo”. OVID. *Heroides; Amores*, 1914. Tradução de Sofia Morais.
- ⁶³ A seta mencionada na profecia refere-se à flecha de Filoctetes, denominada *caelestis* por ter pertencido a Hércules; essas flechas do herói foram dadas a Filoctetes, seu companheiro, após sua morte. Estando entre os gregos durante a Guerra de Troia, foi Filoctetes que, ao ser desafiado por Páris a um combate singular, o feriu mortalmente com uma das flechas. Na carta, Páris mais uma vez altera a interpretação da profecia, julgando a flecha que o traspassa ser a flecha do Cupido. OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011.
- ⁶⁴ Ugartemendía descreve como Ovídio constrói as personagens comprometidas das *Heroides* com o ideal de matrimônio da sua época: havia uma lei augustana (*Lex Iulia de Adulteriis Coercendis*) que obrigava as mulheres a respeitar o vínculo de matrimônio, enquanto os homens apenas não deveriam cometer adultério com mulheres “respeitáveis”. Ao supor a “castidade” de Helena, Páris parece situá-la nessas ideais romanos: Kenney, sobre v. 285-294, cita os versos dos *Amores* de Ovídio, I, 8, 42-44: “[...] *at Venus Aeneae regnat in urbe sui./ Ludunt formosae; casta est, quam nemo rogauit -/ aut, si rusticitas non uetat, ipsa rogat.*” – “[...] mas Vênus reina na cidade do seu Eneias./ As formosas brincam; é casta, a qual ninguém requisita -/ ou, se a ingenuidade não veta, ela própria convida”. UGARTEMENDÍA. *A exemplaridade do abandono: epístola elegíaca e intratextualidade nas Heroides de Ovídio*, 2017. OVID. *Heroides; Amores*, 1914 *apud* OVID. *Heroides XVI-XXI*, p. 116. Tradução de Sofia Morais.
- ⁶⁵ O vocábulo usado por Páris em latim é *rustica* (“ingênuo”, “rústica”). Ver *supra* nota 64 para a relação com os *Amores*.
- ⁶⁶ Júpiter teria desposado outras divindades antes de se casar com sua irmã Juno, além de ter se apaixonado e gerado filhos com várias mortais, mesmo após esse casamento. Algumas dessas uniões com mortais, além de Leda, foram com Alcmena, que gerou Hércules; com Dánae, que gerou Perseu; com Io, que gerou Épafo etc. Já Vênus, esposa de Vulcano, teria causado conflito entre os deuses ao traí-lo com o deus Marte, além de também ter se relacionado com vários mortais – um deles, Adônis, teria sido morto, em uma das versões, pelo próprio Marte, enciumado. Outra famosa união de Vênus

- foi a com o mortal Anquises, que gerou Eneias. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁶⁷ Outro tópos elegíaco que podemos identificar aqui é o da exigência da *fides* (“fidelidade”) da amada. Fedeli aponta que, diante da impossibilidade do vínculo conjugal com a mulher, seja por ela ser casada ou por ser uma cortesã, o amante elegíaco recria o vínculo por meio de uma projeção, que é o *foedus amoris* (“pacto de amor”). Diferente do vínculo conjugal da era augustana, época em que viveu Ovídio, que continha punições severas para o adultério, esse pacto podia ser facilmente renovado após a traição de um dos lados. FEDELI. *Bucólica, lírica, elegia*, 1991.
- ⁶⁸ Kenney salienta que Ovídio não deixa claro os motivos dessa súbita viagem de Menelau. De acordo com Apolodoro (Epit. 3.3), ele teria ido enterrar seu tio materno, Catreu; já em Dictys Cretensis (1.1), teria sido para reivindicar sua parte da herança de Atreu. OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996.
- ⁶⁹ Kenney aponta que em *candidior* (“mais luminosa”) há um jogo entre os sentidos metafórico e literal da palavra. O autor também cita, de exemplo, o seguinte verso de Propércio, II, 15, 1: “*O me felicem, o nox mihi candida [...]*” – “Como sou feliz, ó minha noite brilhante [...]”. OVID. *Heroides XVI-XXI*, p. 120. Tradução de Sofia Morais.
- ⁷⁰ O “filho de Egeu” referido é Teseu.
- ⁷¹ Leucipo era irmão de Tíndaro, e suas filhas eram Febe e Hilaíra. Cástor e Pólux as teriam raptado, em uma das versões, nas próprias bodas de Febe e Hilaíra com os filhos de Afareu, outro irmão de Tíndaro. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁷² Ver *supra* nota 40.
- ⁷³ Kenney explica que Páris interpreta o mito do sequestro de Orítia como um evento histórico. Orítia era uma das quatro filhas de Erecteu, rei de Atenas, e Bóreas era um dos Ventos, divindades filhas do Céu e da Terra; ele era o Vento do norte e residia na Trácia. Por não poder obter Orítia de Erecteu, Bóreas a raptou, coberto por uma nuvem espessa em meio a um turbilhão de poeira. Aquilão é outro Vento, que Commelin afirma ser, muitas vezes, confundido com Bóreas. O “litoral bistônide” é uma sinédoque (uso de uma parte para indicar o todo) para a Trácia, uma vez que os bistônides eram uma tribo na área. OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011.
- ⁷⁴ “Fásiade” é Medeia, filha do rei Eetes que reinava sobre Ea, na Cólquida. Kenney aponta que Fásis era um rio da Cólquida, e Grimal explica que a capital de Ea se localizava às margens desse rio e tinha o mesmo nome. Jasão, filho do rei de Iolco, na Tessália, teve ajuda de Medeia para conquistar o velo de ouro, e fugiram juntos após o feito. Entretanto, ele a abandonou anos depois para se casar com a filha de Creonte, rei de Tebas. Párgasa, na Tessália, teria sido onde a “nova popa”, Argo, fora construída. A carta XII (*Medea Iasoni*) das *Heroides* é de Medeia endereçada a Jasão, após ser abandonada. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005. OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011.
- ⁷⁵ Ariadne, filha de Minos, apaixonou-se por Teseu quando este foi a Creta lutar contra o Minotauro, e o presenteou com um rolo de fio para que conseguisse regressar do Labirinto. Depois de ter matado o Minotauro, Teseu fugiu com Ariadne, mas a abandonou na ilha de Naxos, no caminho para Atenas. A carta X das *Heroides* é de Ariadne para Teseu. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁷⁶ Em uma das versões, quando vivia no Ida, Páris protegia os rebanhos dos ladrões, sendo assim chamado de Alexandre (o “homem que protege” ou o “homem protegido”). Kenney aponta que é o nome mais usado para se referir a ele na *Iliada* (45 vezes, enquanto “Páris” é usado apenas 13): *ἀλέξανδρος*, e também define: “warding off men”. OVID. *Heroides XVI-XXI*, 1996. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁷⁷ Ver *supra* nota 12. Na disputa dos jogos fúnebres, realizados em honra ao próprio Páris, ele competiu com seus irmãos, Ilioneu e Deífobo.
- ⁷⁸ Sobre a expressão do “mundo inteiro” (“*totus [...]* orbis”), Kenney expõe a ironia relacionada a como a Guerra de Troia ficaria conhecida na posterioridade. O autor também usa como exemplo alguns versos da *Eneida*, de Virgílio, citando-os em latim; entre eles, I, 456-458: “*Videt Iliacas ex ordine pugnas/bellaque iam fama totum vulgata per orbem,/ Atridas, Priamumque, et saevum ambobus Achillem.*” – “Vê as batalhas troianas sem interrupção/ e guerras já espalhadas pela fama no mundo inteiro,/os Atridas e Príamo e Aquiles, duro para ambos”. OVID. *Heroides XVI-XXI*, p. 124. Tradução de Sofia Morais.
- ⁷⁹ Ver *supra* nota 40. Em oposição às riquezas oferecidas pelo *diues amator*, é comum encontrar, no

gênero da elegia, versos em que o eu lírico garante à amada que seu nome ficará marcado na posterioridade graças aos seus poemas. Nesse verso, Páris promete renome à Helena por meio da guerra que acontecerá por sua causa, o oposto do que um amante elegíaco – adepto da *militia amoris* – faria. Além disso, Kenney também aponta que essas palavras são uma referência irônica às de Helena na *Ilíada*, nos famosos versos, VI, 357-358: “Sobre nós fez Zeus abater um destino doloroso, para que no futuro/sejamos tema de canto para homens ainda por nascer”. OVID. *Heroides* XVI-XXI, p. 124. HOMERO. *Ilíada*, p. 245. Tradução de Frederico Lourenço.

⁸⁰ V. 1 e v. 2 ausentes na edição da Loeb Classical Library, 1914, utilizada como referência, mas presentes em outras.

⁸¹ Rand, sobre os versos iniciais, afirma: “This is surrender; the rest is apology” – “Isto é rendição; o resto, desculpa”. De acordo com o autor, Helena já teria decidido entregar-se a Páris, e o resto da carta seria uma longa desculpa. Entretanto, Kenney chama a atenção para o uso do vocábulo *uiolarit* (traduzido por nós como “feriu”, mas podendo também ter o sentido de “violou”) no terceiro verso: nele, há uma conotação de estupro. RAND. *Ovid and his Influence*, p. 30. OVID. *Heroides* XVI-XXI, 1996. Tradução de Sofia Morais.

⁸² Mahoney aponta que, na Antiguidade, as leis de hospitalidade eram sagradas, e quem as violasse era acusado de crime hediondo. Por isso, era comum que os poetas utilizassem essa violação como um dos elementos quando desejavam representar uma personagem abandonada. P. OVIDIUS NASO. *The Epistles of Ovid*, 1813. Available at: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.04.0061%3Apoem%3D17%3Acommline%3D3>. Access on: 19 Abr. 2019.

⁸³ Ver nota 64 da carta XVI. Ugartemendía também menciona a devoção das heroínas pela *fides*, vocábulo usado neste verso por Helena (*legitimam fidem*). Bianchet declara que esses versos iniciais da carta de Helena poderiam facilmente ser lidos pelo seu marido, e ela seria “digna de receber elogios como os do epítáfio romano B 843 – *casta pudica decens sapiens generosa probat(a)*” (“Casta, pudica, decente, discreta, magnânima, aprovada”). UGARTEMENDÍA. *A exemplaridade do abandono*: epístola elegíaca e intratextualidade nas *Heroides* de Ovídio, 2017. BIANCHET. *At peccant aliae matronaque rara pudica est*: quão romana é a Helena das *Heroides* de Ovídio?, p. 137.

⁸⁴ Ver nota 8 da carta XVI.

⁸⁵ Kenney aponta esse verso como uma referência anacrônica à xenofobia dos espartanos da era clássica, uma vez que Páris e Helena seriam da arcaica. Mahoney não menciona o anacronismo, mas também enfatiza que os espartanos, mais do que gregos no geral, tinham uma forte aversão a estrangeiros. Por isso, a gratidão da recepção de Páris por Menelau e o insulto do troiano são ainda maiores. OVID. *Heroides* XVI-XXI, 1996. P. OVIDIUS NASO. *The Epistles of Ovid*, 1813.

⁸⁶ O vocábulo usado por Helena foi *rustica*, um eco de Páris no v. 287 da carta XVI. Ver, também, as notas 64 e 65 da carta XVI.

⁸⁷ Teseu, filho de Netuno de acordo com uma versão do mito. OVID. *Heroides* XVI-XXI, 1996.

⁸⁸ Ver notas 31 e 33 da carta XVI.

⁸⁹ Bianchet aponta como Helena intercala demonstrações de ofensa e desejo – vemos a primeira dessas mudanças nesses versos. Mahoney também defende que os protestos anteriores eram uma falsa modéstia, apenas por aparências. A autora afirma que, a partir de agora, Helena mostra seus sentimentos reais, mas ainda usa dos artifícios comuns das mulheres (louvar a castidade e sua resolução a não quebrá-la). Kenney ainda liga o verso a uma premissa masculina da *Ars Amatoria*, de Ovídio, citando o livro 1, 271-274: “*Vere prius uolucres taceant, aestate cicadae,/ Maenalius lepori det sua terga canis,/ femina quam iuueni blande temptata repugnet;/ haec quoque, quam poteris credere nolle, uolet.*” – “Na verdade, antes os pássaros calariam; no verão, as cigarras,/e o cão do Mênalo daria as costas à lebre,/ que a mulher, carinhosamente tocada, resistiria ao jovem;/ também esta, que poderás crer não querer, quererá”. BIANCHET. *At peccant aliae matronaque rara pudica est*: quão romana é a Helena das *Heroides* de Ovídio?, 2016. P. OVIDIUS NASO. *The Epistles of Ovid*, 1813. P. OVIDIUS NASO. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris*, 1907 *apud* OVID. *Heroides* XVI-XXI, p. 128. Tradução de Sofia Morais.

⁹⁰ Helena parece fazer referência às outras personagens protagonistas das cartas anteriores das *Heroides*, abandonadas ou rejeitadas pelos amantes. Mais adiante (v. 195-198), alguns desses nomes são citados.

- ⁹¹ Kenney e Bianchet explicitam que essa é uma contextualização das *matronas* romanas da época de Ovídio, assim como é colocado em *Amores* de Ovídio (ver nota 64 da carta XVI). Embora Helena o reconheça, ela refuta tal argumento de Páris (contidos nos v. 285-290 da carta XVI): podem ser raras, mas existem. A beleza e o pudor não são ideais opostos, como Páris argumenta (v. 290 da carta XVI). OVID. *Heroides* XVI-XXI, 1996. BIANCHET. *At peccant aliae matronaque rara pudica est*: quão romana é a Helena das *Heroides* de Ovídio?, 2016.
- ⁹² Ver nota 53 da carta XVI.
- ⁹³ A linhagem de Menelau, marido de Helena, descende da seguinte forma: Júpiter, Tântalo, Pélope, Atreu e, por fim, Menelau. Para mais detalhes sobre seus ancestrais, ver notas 45, 46 e 47 da carta XVI.
- ⁹⁴ Ver notas 46 e 47 da carta XVI. Após conquistar Hipodâmia e se tornar rei de Pisa, Pélope teria juntado a essa cidade vários outros territórios, criando o Peloponeso (“Ilha de Pélope”, que era, na verdade, uma península). COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011.
- ⁹⁵ Ver nota 22 da carta XVI. Tíndaro era considerado herói em Esparta. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ⁹⁶ Ver notas 35 e 36 da carta XVI.
- ⁹⁷ Júpiter é o próprio pai de Helena, enquanto Páris descende dele por uma linhagem mais longa. Entretanto, o deus seria, na verdade, o sétimo, seguindo a ordem: Príamo, Laomedonte, Ilo II, Trós, Ericciónio, Dárdano e, por fim, Júpiter. Sobre este erro de Helena, Kenney e Mahoney apontam que Ovídio possivelmente saberia de uma genealogia que difere da mais comum conhecida até hoje. Mahoney também sugere que o texto poderia ter sido corrompido, ou que Ovídio teria feito Helena cometer esse erro de propósito, por desconhecer tais informações. OVID. *Heroides* XVI-XXI, 1996. P. OVIDIUS NASO. *The Epistles of Ovid*, 1813.
- ⁹⁸ Ver nota 40 da carta XVI. Enquanto Páris, em sua carta, subverte os valores elegíacos e aproxima-se mais do seu gênero de origem (épico) ao gabar sua linhagem e oferecer riquezas, Helena o refuta facilmente ao declarar que sua linhagem é mais ilustre, e que sua terra tem mais riquezas. Mais importante, ao deixar tais questões de lado, ela ainda parece situá-lo na elegia: não são os presentes que a convenceriam a ficar com ele, e sim o próprio Páris. Helena se mostra mais elegíaca ao desejá-lo simplesmente pelo seu amor declarado – e, como veremos mais à frente, por sua beleza.
- ⁹⁹ Sobre Helena alternar entre querer aceitar ou rejeitar Páris, é interessante observarmos alguns dos versos de Ovídio em *Ars Amatoria*, ao aconselhar as mulheres, III, 475-478: “*Sed neque te facilem iuveni promitte roganti,/ nec tamen e duro quod petit ille nega./ Fac timeat speretque simul, quotiensque remittes,/ spesque magis ueniat certa minorque metus.*” – “Mas não te prometas fácil ao jovem suplicante,/ nem negues duramente o que ele pede./ Faz com que, simultaneamente, tema e tenha esperança, e todas as vezes que repelires,/mais certa venha a esperança, menor o temor”. P. OVIDIUS NASO. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris*, 1907. Tradução de Sofia Morais.
- ¹⁰⁰ Helena, ao mostrar seu ponto de vista dos ocorridos no banquete, ecoa o “*lasciua!*” usado por Páris em sua carta, no v. 229.
- ¹⁰¹ De acordo com essa descrição de Helena, Páris parece ter seguido os conselhos de Ovídio em *Ars Amatoria*, I, 569-576: “*Hic tibi multa licet sermone latentia tecto/dicere, quae dici sentiat illa sibi:/ blanditiasque leues tenui perscribere uino,/ ut dominam in mensa se legat illa tuam:/ atque oculos oculis spectare fatentibus ignem:/ saepe tacens uocem uerbaque uultus habet./ Fac primus rapias illius tacta labellis/pocula, quaque bibet parte puella, bibas.*” – “Neste momento, é lícito a ti muitas coisas ocultas com discurso disfarçado/dizer, as quais ela sinta serem ditas para si:/ e escrever blandícias suaves com tênue vinho,/ para que leia na mesa ela própria ser sua senhora:/ e fitar os olhos com olhar confessante da chama: muitas vezes, rosto mudo tem voz e palavras./ Faz primeiro que tomes daquela taça tocada pelos lábios,/ a moça beberá por uma parte, e neste lugar, bebas”. P. OVIDIUS NASO. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris*, 1907. Tradução de Sofia Morais.
- ¹⁰² É interessante comparar esses versos com o seguinte trecho de *Ars Amatoria*, de Ovídio, III, 598-604: “*En, ego (confitoor!) non nisi laesus amo./ Causa tamen nimium non sit manifesta doloris,/ pluraque sollicitus, quam sciet, esse putet./ Incitat et ficti tristis custodia serui,/ et nimium duri cura molesta uiri./ Quae uenit ex tuto, minus est accepta uoluptas:/ [...] finge metus.*” – “Eis que

eu, confesso! Não amo se não prejudicado./ Todavia, que a causa da dor não seja excessivamente manifesta,/ e o perturbado pondere existir muito mais do que ele saberá./ Também incita [o amor] a infeliz guarda de escravo inventado/ e o cuidado molesto de esposo cruel demais./ Tudo que nasce da segurança, tem menos prazeres recebidos./ [...] finge medo.” Ao alegar temer que Menelau visse os sinais de Páris, Helena parece seguir os conselhos de Ovídio; assim, resta aos leitores ponderar se Páris teria sido realmente tão indiscreto, ou se Helena estava aumentando a situação. P. OVIDIUS NASO. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris*, 1907. Tradução de Sofia Morais.

¹⁰³ Seja o comportamento de Páris verdadeiramente descarado ou aumentado por Helena (ver *supra* nota 102), ainda assim, é possível relacioná-lo com os versos de Ovídio em *Ars Amatoria*, I, 275-276: “*Vtque uiro furtiua uenus, sic grata puellae:/ uir male dissimulat: tectius illa cupit.*” – “E assim como o sexo furtivo é ao homem, igualmente à menina é agradável;/ o homem dissimula mal: ela deseja de forma mais secreta.” P. OVIDIUS NASO. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris*, 1907. Tradução de Sofia Morais.

¹⁰⁴ Ver *supra* nota 101.

¹⁰⁵ Ver *supra* nota 102. Ainda no livro III de *Ars Amatoria*, Ovídio aconselha que as mulheres finjam ter mais de um amante para causar ciúmes. Afinal, III, 591-597: “*iniuria suscitatur ignes*” – “a injúria suscita o fogo”. Por estar argumentando a favor de sua fidelidade, Helena não menciona um amante; entretanto, ela ainda assim parece ter intenção de incitar ciúmes ao sugerir a existência de muitos outros que a desejam. P. OVIDIUS NASO. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris*, 1907. Tradução de Sofia Morais.

¹⁰⁶ Verso alterado em relação à edição de referência, por motivo de compreensão do texto. A solução utilizada substitui *minus* por *nimis* (*nec tibi plus cordis, sed nimis oris, adest*), e está presente nos comentários de E. J. Kenney na edição de *Cambridge University Press*. OVID. *Heroides* XVI-XXI, 1996.

¹⁰⁷ Após retornar do rapto de Teseu, Helena já estava em idade de se casar. Diante de tantos pretendentes que apareceram, Tíndaro, a conselho de Ulisses, fez com que jurassem respeitar a escolha da filha. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.

¹⁰⁸ Ver *supra* nota 102.

¹⁰⁹ A deusa Fortuna era muito respeitada pelos romanos na época clássica. Tudo o que acontecia aos homens, bem ou mal, era presidido por ela. Muitos poetas a retratavam como cega – a sorte originada da Fortuna vinha ao acaso. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005. COMMELIN. *Mitologia grega e romana*, 2011.

¹¹⁰ Ver notas 17 e 18 da carta XVI.

¹¹¹ Ver nota 55 da carta XVI.

¹¹² Ver *supra* nota 102. Nos versos seguintes de *Ars Amatoria* (III, 605-610), Ovídio aconselha a mulher a fazer o amante passar pela janela em vez da porta e, junto de uma cálida criada, aparentar sentir medo. Mesmo ainda não sendo uma situação idêntica, podemos encontrar paralelos – a criada e a ama de Helena; o perigo de serem descobertos. Assim, é possível considerar que os boatos seriam uma mentira de Helena para, mais uma vez, tanto fundamentar seu medo quanto incitá-lo em Páris.

¹¹³ Ver nota 68 da carta XVI.

¹¹⁴ Em *longas* [...] *manus* (“longos braços”), a definição de *manus* pode ser tanto para “mãos” (ou “braços”, por extensão), no sentido literal, quanto para tropas militares. No *Dicionário do latim essencial*, encontra-se: “*manus, us, (f.)*. Mão. Autoridade, poder. Força, coragem, valentia. Violência. Combate corpo-a-corpo. Trabalho, obra. Letra, modo de escrever. Tromba de elefante (*manus extrema* = toque final, último retoque). Tropas”. REZENDE; BIANCHET. *Dicionário do latim essencial*, p. 223. Grifos do autor.

¹¹⁵ O desejo de Helena expresso nesses versos, de ser violada por Páris, pode ser um choque em uma primeira leitura. Fratantuono e Braff apontam que o estupro removeria a responsabilidade de Helena, uma vez que ela expressa seu desejo de fugir com Páris: se fosse forçada, a culpa não cairia sobre ela. FRATANTUONO; BRAFF. *Communis Erinys: The Image of Helen in the Latin Poets*, 2012.

¹¹⁶ Hipsípíle habitava a ilha de Lemnos, onde as Lémnias foram castigadas por terem negligenciado o culto de Vênus, portando assim um odor insuportável, e matavam os maridos que as abandonavam. Hipsípíle, entretanto, poupou seu pai em segredo. Tornou-se amante de Jasão quando os Argonautas

- abordaram a ilha, sendo ela a rainha, e tiveram dois filhos. Sobre ela, nas *Heroides*, temos a carta VI (*Hypsipyle Iasoni*). GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ¹¹⁷ Ariadne, filha do rei Minos. Ver nota 75 da carta XVI. Helena a usa de exemplo, assim como Páris, mas para argumentar a seu favor.
- ¹¹⁸ Ver nota 21 da carta XVI.
- ¹¹⁹ Kenney aponta que esse verso pode ser relacionado com as preparações de Eneias para abandonar Dido na *Eneida*, livro IV. O autor cita, em latim, os v. 298-299: “[...] *eadem impia Fama furenti/ detulit armari classem cursumque parari*” – “[...] a mesma ímpia Fama à apaixonada/ delatou as tropas serem armadas e o curso ser preparado”; e os v. 417-418: “[...] *uocat iam carbasus auras,/ puppibus et laeti nautai imposuere coronas*” – “[...] a vela já chama os ventos/ e, nas popas, alegres marinheiros depuseram coroas”. OVID. *Heroides* XVI-XXI, p. 141. Tradução de Sofia Morais.
- ¹²⁰ A acrópole de Pérgamo localizava-se ao sudeste de Ílio, e era onde ficavam os templos dos deuses e os palácios de Príamo, Heitor e Páris. SMITH. *Dictionary of Greek and Roman Geography, Illustrated by Numerous Engravings on Wood*, 1854.
- ¹²¹ Ver nota 74 da carta XVI. Éson era pai de Jasão. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ¹²² Para fugir com Jasão, Medeia traiu e abandonou o pai, Eetes, assim como o resto de sua família. Da mesma forma que fez com Ariadne, Helena repete outro exemplo usado por Páris a seu favor. (v. 195; ver *supra* nota 117). GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005.
- ¹²³ Ver a nota 12 da carta XVI. Helena, apesar de acreditar na profecia, não aparenta estar convencida da interpretação elegíaca, com viés amoroso, de Páris.
- ¹²⁴ O adjetivo “pelasgo” (*Pelagius*) indica que a chama é grega. Em *A Latin Dictionary*, encontramos: “*Pelagius*, a, um, adj., *Pelagian*, for *Grecian*”. Ainda de acordo com o dicionário, os *Pelagias* eram os mais antigos habitantes da Grécia, e Mahoney explica que essa era uma denominação, a princípio, apenas para parte da Tessália, mas passou a referir-se a toda a Grécia. É curioso que, enquanto Helena parece ter ciência de que o fogo a incendiar Troia seria grego, Páris não apresenta este detalhe em sua carta. LEWIS; SHORT. *A Latin Dictionary*, 1879. P. OVIDIUS NASO. *The Epistles of Ovid*, 1813. Grifos do autor.
- ¹²⁵ Ver nota 4 da carta XVI.
- ¹²⁶ Hipodâmia era filha de Adrasto ou Butes, a depender da variação do mito, e casou-se com Píritoo, que pertenceu ao ciclo de Teseu e descendia dos Lápitais por parte de pai. Os Centauros foram convidados às suas bodas com Píritoo; entretanto, tentaram violar Hipodâmia e sequestrar outras mulheres, alterados pelo vinho. Assim se deu a luta entre os Centauros e os Lápitais. O episódio é narrado por Ovídio em sua obra *Metamorphoseon Libri*, além de ser outro indicativo para o futuro de Helena. GRIMAL. *Dicionário da mitologia grega e romana*, 2005. OVID. *Heroides* XVI-XXI, 1996.
- ¹²⁷ Ver notas 33, 41 e 59 da carta XVI.
- ¹²⁸ Ver *supra* nota 98. Mais uma vez, Helena rejeita os elementos épicos (Marte, deus da guerra) de Páris e o situa na elegia (Vênus, deusa do amor). Mesmo na *Ilíada*, entretanto, Páris é favorecido por Vênus: no canto III, quando lutava diretamente com Menelau, é a deusa que o impede de ser morto. Além de retirá-lo da batalha, ela o leva ao leito e envia Helena para que se una a ele. Enquanto a guerra continua, é na companhia da esposa que Páris fica até o canto VI. Assim, na *Ilíada*, III, 373-383: “E agora o teria arrastado Menelau com glória indizível,/ se arguta não tivesse se apercebido Afrodite, filha de Zeus, [...] Mas Afrodite arrebatou Páris,/ facilmente, como é próprio de uma deusa, ocultando-o/ com neveiro opaco, e deitou-o no perfumado leito nupcial./ Em seguida foi ela própria chamar Helena [...]”. HOMERO. *Ilíada*, p. 175. Tradução de Frederico Lourenço.
- ¹²⁹ A *militia amoris*, como parece ser referenciada no verso, é um dos *tópoi* da elegia: o amante elegíaco assumia o papel de soldado, mas um soldado da milícia amorosa – o oposto dos valores romanos da época, e também dos valores do gênero épico, ao qual Páris e Helena originalmente pertencem. É interessante observar que, na *Ilíada*, Heitor (irmão de Páris) de fato luta em seu lugar em parte da Guerra de Troia (ver *supra* nota 128). Observamos também, nesses versos, uma possível referência à seguinte fala da Helena da *Ilíada* direcionada a Páris, no canto III, 428-436: “Voltaste da guerra. Quem me dera que lá tivesses morrido,/ vencido por homem mais forte, como é o meu primeiro marido! Na verdade te vangloriaste no passado de seres melhor/ que Menelau, dileto de Ares, pela força das mãos e da lança! Vai lá agora desafiar Menelau, dileto de Ares, para de novo/ combater contigo, corpo a

a corpo. Mas eu própria/ te mando desistir: contra o loiro Menelau não combatas/ um combate corpo a corpo nem queiras contra ele lutar/ insensatamente, para que não sejas vencido pela lança dele". HOMERO. *Ilíada*, p. 177. Tradução de Frederico Lourenço.

Referências

- ALVES, João Paulo Matedi. *Elegias de Tibulo*: tradução e comentário. 2014. 293 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2014.
- BIANCHET, Sandra Maria Gualberto B. *At peccant aliae matronaque rara pudica est*: quão romana é a Helena das *Heroides* de Ovídio?. *Nuntius Antiquus*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 131-140, jan. 2016. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/nuntius_antiquus/article/view/10798. Acesso em: 17 fev. 2022.
- BJÖRK, Martina. *Ovid's Heroides and the Ethopoeia*. Lund: Lund University (Media-Tryck), 2016.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CART, A. et al. *Gramática Latina*. Tradução e adaptação de Maria Evangelina Villa Nova Soeiro. São Paulo: T. A. Queiroz, Editora da Universidade de São Paulo, 1986.
- COMMELIN, Pierre. *Mitologia grega e romana*. Tradução de Eduardo Brandão. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- CORDEIRO, Wilker Pinheiro. *Tópoi elegíacos nas Heroides de Ovídio*. 2013. 125 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- FEDELI, Paolo. Bucólica, lírica, elegia. In: CITRONI, Mario (org.) et al. *La poesia latina: forme, autori, problemi*. Roma: NIS, 1991. p. 105-131.
- FRANTUONO, Lee; BRAFF, Johanna. Communis Erinys: the Image of Helen in the Latin Poets. In: *L'Antiquité Classique*. Bruxelles, tome 81, 2012. p. 43-60. Available at: https://www.persee.fr/doc/antiq_0770-2817_2012_num_81_1_3810. Access on: 22 de Jun. 2022.
- GIANGRANDE, Giuseppe. Tópoi ellenistici nell'Ars amatoria. In: GALLO, Italo; NICASTRI, Luciano (org.). *Cultura poesia ideologia nell'opera di Ovidio*. Napoli: Edizioni Scientifiche Italiane, 1991. p. 61-98.
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- HESIÓDO. *Teogonia*: a origem dos deuses. Estudo e tradução de Jaa Torrano. 7. ed. São Paulo: Editora Iluminuras, 2007.
- HOMERO. *Ilíada*. 15. ed. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- JARDÉ, Auguste. *A Grécia antiga e a vida grega*: geografia, história, literatura, artes, religião, vida pública e privada. Tradução e adaptação de Gilda Maria Reale Starzynski. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária; Editora da Universidade de São Paulo, 1977.
- LADEIRA, Felipe Coelho de Souza. *A correspondência de Cícero durante a guerra civil*: a crise política romana sob a ótica pública e privada. 2020. 333 f. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.
- LEWIS, Charlton Thomas; SHORT, Charles. *A Latin Dictionary*. Founded on Andrews' Edition of

Freund's Latin Dictionary. Revised, enlarged, and in great part rewritten by Charlton T. Lewis, Ph.D. and Charles Short, LL.D. Oxford: Clarendon Press, 1879. Available at: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0059:entry=Pelasgi&highlight=pelasgus>. Access on: 22 jun. 2022.

LIPPARINI, Giuseppe. *Sintaxe latina*. Tradução e adaptação de Pe. Alípio R. Santiago de Oliveira. Petrópolis: Editora Vozes, 1961.

MORELLO, Ruth; MORRISON, Allen (org.). *Ancient Letters: Classical and Late Antique Epistolography*. Oxford: OUP, 2007.

OVID [Ovídio]. *Heroides XVI-XXI*. Edited by E. J. Kenney. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

OVID [Ovídio]. *Heroides; Amores*. Translated by Grant Showerman. Revised by G. P. Goold. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1914. (Loeb Classical Library 41)

OVIDIO [Ovídio]. *Lettere di Eroine*. Introduzione, traduzione e note di Gianpiero Rosati. Milano: Rizzoli, 1989.

P. OVIDIUS NASO [Ovídio]. *Amores; Epistulae; Medicamina Faciei Femineae; Ars Amatoria; Remedia Amoris*. R. Ehwald edidit ex Rudolphi Merkelii recognitione. Leipzig. B. G. Teubner. 1907. Available at: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.02.0068%3Atext%3DArs>. Access on: 22 jun. 2022.

P. OVIDIUS NASO [Ovídio]. *The Epistles of Ovid*. Translated by Anne Mahoney. Edited for Perseus. London: J. Nunn; R. Priestly; R. Lea; J. Rodwell, 1813. Available at: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus%3Atext%3A1999.04.0061%3Apoem%3D16%3Acommline%3D1>. Access on: 22 jun. 2022.

POMEROY, Sarah B. *Goddesses, Whores, Wives and Slaves: Women in Classical Antiquity*. New York: Schocken Books, 1995.

RAND, Edward Kennard. *Ovid and his Influence*. Boston: Marshall Jones Company, 1925. Available at: <https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=mdp.39015039815975&view=1up&seq=50&skin=2021>. Access on: 22 jun. 2022.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REZENDE, Antônio Martinez; BIANCHET, Sandra Maria G. B. *Dicionário do latim essencial*. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2021.

SLOANE, Thomas O. (ed.). *Encyclopedia of Rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

SMITH, William. (ed.). *Dictionary of Greek and Roman Geography, Illustrated by Numerous Engravings on Wood*. London: Walton and Maberly; John Murray, 1854. Available at: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.04.0064:id=taenarum-geo>. Access on: 22 jun. 2022.

TITO LUCRÉCIO CARO. *Da Natureza*. Prefácio, tradução e notas de Agostinho da Silva. Porto Alegre: Editora Globo, 1962.

TRAPP, Michael. Introduction. In: TRAPP, Michael. *Greek and Latin Letters: an Anthology with Translation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003. p. 1-47.

TREVIZAM, Matheus. *As falhas do modelo: Propércio I 3 e a inversão de poderes no imaginário*

elegíaco. *Nonada: Letras em Revista*, Porto Alegre, v. 11, n. 11, p. 129-145, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=512451680009>. Acesso em: 17 fev. 2022.

UGARTEMENDÍA, Cecília Marcela. *A exemplaridade do abandono: epístola elegíaca e intratextualidade nas Heroides de Ovídio*. 2017. 169 f. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

UREÑA PRIETO, Maria Helena. *Dicionário de literatura grega*. Lisboa: Verbo, 2001.

VANSAN, Jaqueline. *Poética e retórica nas Heroides de Ovídio: uma análise da epístola I “De Penélope a Ulisses”*. 2016. 168 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2016.

VEYNE, Paul. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia, o Ocidente*. Tradução de Milton Meira do Nascimento e Maria das Graças de Souza Nascimento. São Paulo: Brasiliense, 1983.

VEYNE, Paul. *A elegia erótica romana: o amor, a poesia, o Ocidente*. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Unesp, 2015.

WHEELLOCK, Frederic M. *Wheelock’s Latin*. 6. ed. Revised by Richard A. LaFleur. New York: HarperCollins Publishers, 2005.

Índice de nomes latinos

- Achaia*, -ae, *Acaia* XVI, 187; XVII, 211.
Acheloius, -a, -um, de Aqueloo XVI, 267.
Aeetes, -ae, *Eetes* XVII, 233.
Aegaeus, -a, -um, *Egeu* (mar) XVI, 118.
Aegides, -ae, de *Egeu* XVI, 327.
Aesonius, -a, -um, de *Éson* XVII, 232.
Aethra, -ae, *Etra* XVI, 259; XVII, 152, 269.
Alcides, -ae, *Alcides* XVI, 267.
Amor, *Amoris*, *Amor* XVI, 16, 203.
Anchises, -ae, *Anquises* XVI, 203.
Aquilo, *Aquilonis*, *Aquilão* XVI, 345.
Asia, -ae, *Ásia* XVI, 177, 355.
Atlantis, *Atlantidis*, *Atlante* XVI, 62.
Atrax, *Atracis*, *Átrax* XVII, 250.
Atrides, -ae, *Atrida* XVI, 357, 366.
Aurora, -ae, *Aurora* XVI, 201.
Bistonis, *Bistonidis*, *Bistônide* XVI, 346.
Cassandra, -ae, *Cassandra* XVI, 121.
Centaurus, -i, *Centauro* XVII, 249.
Chalciope, -es, *Calcíope* XVII, 234.
Clymene, -es, *Climene* XVI, 259; XVII, 269.
Colchus, -a, -um, da *Cólquida* XVI, 348.
Cresius, -a, -um, de *Creta* XVI, 301.
Crete, -es, *Creta* XVII, 165.
Cretes, -um, *Cretenses* XVI, 350.
Cupido, *Cupidinis*, *Cupido* XVI, 115.
Cytherea, -ae, *Citereia* XVI, 20, 138; XVII, 243.
Dardania, -ae, *Dardânia* XVI, 57.
Dardanis, *Dardanidis*, *Dardânia* XVII, 214.
Dardanius, -a, -um, *Dardânio(a)* XVI, 196, 333.
Deianira, -ae, *Dejanira* XVI, 268.
Deiphobus, -i, *Deífobo* XVI, 362.
Doricus, -a, -um, *Dórico(a)* XVI, 372.
Erechthis, *Erechtidis*, de *Erecteu* XVI, 345.
Fortuna, -ae, *Fortuna* XVII, 115.
Gargara, -orum, *Gárgaros* XVI, 109.
Graecia, -ae, *Grécia* XVI, 342.
Graius, -a, -um, *Grego(a)* XVI, 33.
Haemonius, -a, -um, *Hemônio(a)* XVII, 250.
Hector, -is, *Heitor* XVI, 367; XVII, 257.
Helene, -es, *Helena* XVI, 281, 287; XVII, 136.
Hermione, -es, *Hermíone* XVI, 256.

Hippodamia, -ae, Hipodâmia XVI, 266; XVII, 250.

Hippomenes, *Hippomenae*, Hipômenes XVI, 265.

Hypsipyle, -es, Hipsípila XVII, 195.

Iason, *Iasonis*, Jasão XVI, 347; XVII, 231.

Ida, -ae, Ida XVI, 53, 110; XVII, 117.

Idaeus, -a, -um, do Ida XVI, 204.

Idyia, -ae, Idia XVII, 234.

Iliacus, -a, -um, de Ílio XVII, 217, 223.

Ilias, *Iliadis*, Troiano(a) XVI, 338.

Ilion, *Ilij*, Ílio XVI, 49, 181; XVII, 242.

Ilioneus, -i, Ilioneu XVI, 362.

Iuno, *Iunonis*, Juno XVI, 65; XVII, 135.

Iuppiter, *Iouis*, Júpiter XVI, 71, 81, 166, 175, 214, 252, 274, 291, 292, 294; XVII, 52, 55, 57.

Lacedaemon, -onis, Lacedemônia XVI, 131.

Laomedon, -ontis, Laomedonte XVII, 60, 208.

Leda, -ae, Leda XVI, 85, 294; XVII, 57.

Ledaeus, -a, -um, de Leda XVI, 1.

Leucippis, -idis, de Leucipo XVI, 329.

Mars, *Martis*, Marte XVI, 372; XVII, 255.

Medea, -ae, Medeia XVII, 231, 235.

Menelaus, -i, Menelau XVI, 205, 357; XVII, 112, 156, 251.

Minois, -idis, de Minos XVI, 349.

Minoius, -a, -um, Minoide XVII, 195.

Minos, -ois, Minos XVI, 350.

Myrtous, -a, -um, de Mirto XVI, 210.

Neptunius, -a, -um, Netúnio(a) XVII, 23.

Oebalus, -i, de Ébalo XVI, 128.

Oenone, -es, Enone XVI, 97; XVII, 198.

Pagasaeus, -a, -um, de Págasa XVI, 347.

Palladius, -a, -um, de Palas XVII, 135.

Pallas, *Palladis*, Palas XVI, 65, 168.

Paris, *Paridis*, Páris XVI, 49, 83, 163, 358; XVII, 1, 35, 102, 256.

Pelasgus, -a, -um, Pelasgo(a) XVII, 241.

Pelops, *Pelopis*, Pélope XVII, 56.

Pergama, -orum, Pérgamo XVII, 207.

Phasias, -idis, Fasiade XVI, 347.

Pherecleus, -a, -um, de Férecló XVI, 22.

Phoebeus, -a, -um, de Febo XVI, 182.

Phrygia, -ae, Frígia XVI, 143.

Phrygius, -a, -um, Frígio(a) XVI 107, 186, 266; XVII, 59, 229.

Phryx, *Phrygis*, Frígio(a) XVI, 198, 199, 201, 203; XVII, 202.

Plias, *Pliadis*, Plêiade XVI, 175.

Pleione, -ES, Plêione XVI, 62.

Priamides, *Priamidae*, de Príamo XVI, 1.

Priamus, -i, Príamo XVI, 48, 98, 209; XVII, 60, 213.

Schoeneis, *Schoeneidis*, de Esqueneu XVI, 265.

Sigeus, -a, -um, Sigeu XVI, 21, 275.

Sparte, -es, Esparta XVI, 189, 191; XVII, 211.

Stygius, -a, -um, do Estige XVI, 211.

Taenaris, *Taenaridis*, Tenária XVI, 30; XVII, 8.

Tantalides, -ae, de Tântalo XVII, 56.

Therapnaeus, -a, -um, de Terapna XVI, 198.

Theseus, -ei, Teseu XVI, 149, 329, 349; XVII, 35.

Thessalus, -a, -um, Tessálico(a) XVI, 348.

Thrax, *Thracis*, Trácio(a) XVI, 345.

Troas, Troadis, Troiana XVI, 185.

Troia, -ae, Troia XVI, 92, 107, 295, 338;
XVII, 212.

Troicus, -a, -um, Troiano(a) XVII, 111,
162.

Troius, -a, -um, Troiano(a) XVI, 331.

Tyndareus, -ei, Tíndaro XVII, 56, 252.

Tyndaris, Tyndaridis, de Tíndaro XVI, 100,
308; XVII, 120.

Venus, Veneris, Vênus XVI, 35, 65, 83,
140, 160, 285, 291, 298; XVII, 117,
128, 133, 143, 255.

Sobre os autores

Matheus Trevizam

Professor de Língua e Literatura Latina na FALE-UFMG, onde atua desde 2006 (também na pós-graduação em Estudos Literários). Possui graduação em Letras pelo IEL-UNICAMP. Também realizou estudos de pós-graduação no IEL – mestrado e doutorado em Linguística/Latim –, além de dois estágios pós-doutorais, um deles na Un. Paris IV – Sorbonne (Paris, França), entre 2011 e 2012. Seus interesses de pesquisa vão da erotodidáxis de Ovídio (*Arte de amar*) até a poesia didática e a prosa técnica de vários períodos da cultura romana. Foi finalista do Prêmio Jabuti de 2013, com a tradução de *Das coisas do campo* de Marco Terêncio Varrão (séc. I a.C.), publicada pela Editora da Unicamp. Sua tradução da obra *Aetna* (séc. I d.C.) venceu o prêmio oferecido pela ABEU (Associação Brasileira das Editoras Universitárias) em 2021.

Sofia Morais Coelho

Estudante de graduação em Letras Clássicas na FALE-UFMG. Atua como estagiária no Cenex (Centro de Extensão da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais). Faz iniciação científica como bolsista pela PIBIC-CNPQ – PRPQ/UFMG, no projeto “Tradução e estudo introdutório das *Cartas das Heroínas XVI-XVII*, de Ovídio”, sob orientação do professor Matheus Trevizam. Tem interesse pelas áreas de Literatura, História Antiga, Estudos de Gênero e Sexualidade e Recepção Clássica.



Publicações Viva Voz

Recortes das Cartas das Heroínas, de Ovídio

Matheus Trevizam (org.)

Prodigiorum Liber

Matheus Trevizam (org.)

Sara Anjos (trad.)

Os livros e cadernos Viva Voz estão disponíveis em
versão eletrônica no *site*: www.labeled-lettras-ufmg.com.br

O96.Pc Ovídio.
Cartas das heroínas XVI-XVII : Páris a Helena & Helena a Páris /
Ovídio ; organizador Matheus Trevizam ; tradutora Sofia Morais
Coelho. – Ed. bilingue. – Belo Horizonte : FALE/UFMG, 2023.
92 f. : il. (Viva voz).
Inclui índice e bibliografia.
ISBN: 978-65-87237-73-2 (impresso)
978-65-87237-74-9 (digital)

1. Literatura latina – Traduções para o português. 2. Cartas de amor
– Traduções para o português. 3. Poesia de amor latina – Traduções
para o português. 4. Epístola latina – Traduções para o português. 5.
Mitologia clássica. I. Trevizam, Matheus. II. Coelho, Sofia Morais.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título. IV.
Série.

CDD : 871.2

As publicações Viva Voz acolhem textos de alunos e professores da Faculdade de Letras, especialmente aqueles produzidos no âmbito das atividades acadêmicas (disciplinas, estudos e monitorias). As edições são elaboradas pelo Laboratório de Edição da FALE/UFMG, constituído por estudantes de Letras - bolsistas e voluntários - supervisionados por docentes da área de Edição.

A presente edição foi impressa pela Imprensa Universitária UFMG em sistema digital, papel reciclado 90 g/m² (miolo). Composta em caracteres Verdana, acabamento em kraft 420 g/m² (capa) e costura artesanal com cordão encerado.

V
V V
V V
Viva VOZ